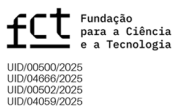


Porto - FLUP

IX Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada (APLC)

O CUIDAR DA LITERATURA UMA PRÁTICA COMPARATISTA





Porto - FLUP

**IX Congresso Internacional da
Associação Portuguesa de
Literatura Comparada (APLC)**

**O CUIDAR DA LITERATURA
UMA PRÁTICA COMPARATISTA**

RESUMOS

La justice littéraire

Alexandre Gefen

(Univ. Sorbonne Nouvelle)

Alexandre Gefen, Directeur de recherche CNRS au sein de l'unité Théorie et histoire des arts et des littératures de la modernité (UMR7172, THALIM, CNRS / Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3), est historien des idées et de la littérature. Il est l'auteur de nombreux livres et articles portant notamment sur la culture, la littérature contemporaine, la théorie littéraire et les humanités numériques. Dernières parutions : avec Sandra Laugier, *Le Pouvoir des liens faibles*, CNRS éditions, 2002. *Territoires de la non-fiction*, Brill, 2020. Avec Olivier Bessard-Banquy et Sylvie Ducas, *Best-sellers. L'industrie du succès*, Armand Colin, 2021. *L'idée de littérature. De l'art pour l'art aux écritures d'intervention*, Corti, 2021. *The Routledge Companion to Biofiction* (avec Lucia Boldrini, Laura Cernat et Michael Lackey), Routledge, 2025. *L'écrivain national par temps de mondialisation* (avec Oana Panaïté et Cornelia Ruhe), Brill, 2025.

Entre o alfabeto das línguas e o alfabeto do mundo

Lídia Jorge

(escritora)

Lídia Jorge é uma escritora representativa da geração portuguesa do pós-revolução do 25 de Abril. Estreou-se em 1980 com o romance *O Dia dos Prodígios* mas foi com *A Costa dos Murmúrios*, publicado em 1988, que a sua obra se afirmou. Entre os títulos mais destacados no domínio da ficção, contam-se *O Vale da Paixão*, *O Vento Assobiando nas Gruas*, *Os Memoráveis* ou, mais recentemente, *Misericórdia*. Os seus livros estão traduzidos em diversas línguas tendo recebido os principais prémios nacionais e vários estrangeiros, entre eles o Prémio Albatros da Fundação Günter Grass, o Prémio FIL de Literatura em Línguas Românicas de Guadalajara, o Prémio Médicis Étranger de 2023, o Prémio Pessoa, o Prémio Estadual Austríaco de Literatura Europeia ou, mais recentemente, o Prémio Camões. *A Costa dos Murmúrios* e *O Vento Assobiando nas Gruas* foram adaptados ao cinema respectivamente por Margarida Cardoso e por Jeanne Waltz. Lídia Jorge colabora com regularidade com o *Jornal de Letras*, *Público* e *El País*.

The ethical power of Literature: a re-reading G. C. Spivak, *Death of a Discipline* (2003)

Vita Fortunati

(Univ. Bologna)

In my paper I'll re-read G.C.Spivack's *Death of a Discipline* (2003) to underline not only the creative strength of literature capable of envisaging new worlds, but also to stress the concept of CARE. In the first part I'll investigate the concept of CARE as a polysemic bio-cultural one, at the core of the success of Homo Sapiens not only as a strategy of survival of the species but also as a culture heritage. In the second part I'll examine how women feminist critics (e.g. Susan Stanford Friedman) and some women writers (e.g. Ursula Le Guin) have underlined the emotional values inherent in the concept of CARE such as "affect" and "empathy".

*

Vita Fortunati was Professor of English Literature at the University of Bologna. She has directed for many years "The Interdepartmental Centre on Utopian Studies" in Bologna. She has coordinated European projects on Gender Studies, Cultural Memory and on "The Interface between Humanities and Science". Her main areas of research are Modernism, Utopian Literature, Women's Writing, the representation of female body, ageing and nostalgia. Recently she has published essays on Women Transnational Literature, on Thomas More's Utopia, Jonathan Swift, Katzuo Ishiguro, Ian McEwan, Uchronia, Utopia and Longevity and a book on Ecology and Pacifism in Aldous Huxley.

Caring for Literature through Digital Humanities: A Computational Perspective

Simone Rebora

(Univ. Verona)

Simone Rebora is an associate professor of comparative literature at the University of Verona. As a postdoc, he worked at the Universities of Mainz, Bielefeld, Göttingen, and Basel. His main research interests are literary theory, reader response studies, and computational literary studies. His essays have been published in journals such as "PLOS ONE", "Digital Scholarship in the Humanities", and "Modern Language Notes". In 2026, he will publish the monograph *Computational Literary Studies. Theory and Methods* (Routledge). He is currently chair of the "Digital Literary Studies" Special Interest Group (SIG-DLS) of the Alliance of Digital Humanities Organizations (ADHO) and chairperson of the "Digital Comparative Literature" Research Committee of the International Comparative Literature Association (ICLA DCL).

Ética ambiental e limites do progresso em contos e crónicas dos anos 60-70.

Um olhar comparativo entre Portugal e Itália.

Ada Milani

(Università degli Studi di Firenze)

Partindo do pressuposto que a ecocrítica pode proporcionar uma estimulante perspectiva de renovação da Literatura Comparada (cf. Buescu in Bertoni 2024), a presente proposta de comunicação centra-se nas preocupações ecológicas que, tanto em Portugal quanto na Itália, começaram a despontar no panorama literário (e jornalístico-literário) dos anos 60 e 70. Embora seja sabido que a crise ecológica é um fenómeno muito mais antigo do que a sua tomada de consciência social e que o seu início pode fazer-se coincidir com o surgimento do industrialismo de meados do século XIX, é só a partir da década de 60 do século XX que emerge uma consciência concreta do problema, assim como as primeiras dúvidas acerca da ação humana (cf. Iovino 2014). As crónicas de Maria Judite de Carvalho (nomeadamente as publicadas no Diário de Lisboa entre 1968 e 1975), para além de darem conta de algumas “revoluções” históricas (a conquista da Lua, os primeiros transplantes de coração em pacientes humanos), dialogam com algumas questões que inflamam a chamada “estação dos movimentos”, a saber, a guerra do Vietname, o terceiro-mundismo, o nascimento de uma consciência ambientalista. Naquele mesmo período, vários autores italianos denunciavam em obras literárias e páginas de jornais inquietações semelhantes: os contos de Italo Calvino sobre a poluição luminosa, o célebre “artigo dos pirilampos” de Pasolini ou, talvez de maneira ainda mais evidente, as crónicas de Dino Buzzati caracterizam-se por uma sensibilidade análoga.

Objetivo da comunicação será, portanto, destacar as formas com que, ultrapassando fronteiras nacionais e especificidades político-sociais, estes textos tornam-se veículo de questionamentos e problemáticas relativas à ética ambiental, animal e humana.

*

Ada Milani é doutorada em Literaturas Modernas e Comparadas pela Universidade de Génova. Entre 2018 e 2023 foi professora contratada nas Universidades de Milão e Siena. Atualmente é professora auxiliar (tenure-track) de Literatura portuguesa e brasileira na Universidade de Florença. Os seus interesses de pesquisa incluem o papel da imprensa periódica e as correlações entre literaturas africanas e resistência anti-colonial, a tradução literária, a literatura infanto-juvenil, a escrita feminina entre outros. É autora de duas monografias e de traduções, artigos, capítulos de livros, entre os quais:

- "Madgermanes: migração, trauma, memória no Moçambique pós-colonial", *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v.34, n.2, 2024.
- "Mulheres «fora do lugar»: Lisboa como espaço de exclusão feminina em Tanta gente, Mariana de Maria Judite de Carvalho", in A. C. Carvalho, N. Constâncio, M. da Graça Saraiva e A. Lavrador-Silva (org.), *Ribatejo e Estremadura: Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*, pp. 171-191, By the Book, Ed. Especiais, 2024.
- "Antonia Pozzi, Morte de uma estação: critica produttiva di alcune traduzioni in lingua portoghese", *L'ospite Ingrato*, vol. 15, 2024, pp. 191-216.

O seu trabalho mais recente é a monografia *Fra le pieghe del quotidiano. Sulle crónicas di Maria Judite de Carvalho (1968-1975)*, publicada pela editora Artemide em 2025.

Os vencidos da vida do século XXI na narrativa breve de Ana Margarida de Carvalho

Adriana Gonçalves

(UEMG)

As narrativas breves de Ana Margarida de Carvalho, em especial aquelas reunidas nos títulos *Pequenos Delírios Domésticos* (2017) e *Cartografias de Lugares Mal-situados* (2021), apresentam um conjunto de personagens atravessados por múltiplas formas de arruinamento decorrentes da acumulação de catástrofes históricas, sociais e afetivas que marcam o século XXI. A elaboração estética dessas narrativas aproxima tempo diegético e extradiegético, expondo, sobretudo, o rescaldo do século XX como um contínuo de ruínas que se reatualizam no presente, em consonância com o pressuposto por Walter Benjamin em suas teses *Sobre o conceito de história*. Propõe-se investigar, nesses personagens, a recorrente encenação do gesto de “dar-se por vencido”, marcado por atitudes que sugerem resignação, enfado ou indiferença frente às interpéries que sofrem. Tal postura parece escamotear, sob uma passividade apenas aparente, a expressão de um desamparo social estrutural, responsável pela intensificação de um profundo *Mal-estar na civilização*, articulado outrora por Sigmund Freud e amplamente rediscutido por Zygmunt Bauman acerca da pós-modernidade. Nesse sentido, cogita-se a compreensão destes gestos dos personagens à luz do conceito de desamparo apreendido, postulado por Martin Seligmann, entendendo-os como uma repetição da impotência. Argumenta-se, assim, que as narrativas breves carvalhianas constroem uma poética do fracasso contemporâneo, na qual o gesto mínimo e resignado dos personagens se converte em sintoma crítico do mal-estar social do nosso tempo.

★

Adriana Gonçalves: Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense. Docente de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade do Estado

de Minas Gerais. Líder do Grupo de Pesquisa ELLiP - Estudos de Literaturas em Língua Portuguesa: Memória, Política e Deslocamentos (UEMG/CNPq).

Alternative care and kinship structures to survive degraded environments: a comparative literature analysis of Samantha Schewblin's *Distancia de rescate* and Fernanda Trias' *Mugre rosa*

Adriana Maza Rios

(Pontificia Universidad Católica del Perú)

This presentation explores the relationship between ecological crises and affective bonds in the novels *Distancia de rescate* by Samantha Schewbin and *Mugre rosa* by Fernanda Trias. After analysing the multiple temporal and spatial layers outlined by the narrators that tangle and untangle human relationships influenced by contacts with other species, new care structures between beings arise. "Kin-children" establish a bond with their "kin-mothers" who, despite the absence of consanguinity, position themselves as alternative caretakers. Their practices provide the infants of these stories with situated affections and needs, intrinsically associated with surviving the circumstances their environment confines them in. Going against the current capitalist and biopolitical regime, play, death, and horizontal guidance present themselves as the key to enduring the dissolution of not only their territories, but of a sociohistoric motherhood bond collapsed by this very same conjecture. Thus, from an ecocritical and feminist standpoint centered on Donna Haraway's kinship theory, I argue that these two Latin American novels articulate contemporary possibilities for inhabiting polluted

environments through the reconfiguration of care as a situated multispecies practice between humans and their nonhuman kin.

★

Adriana Maza Ríos is a graduate student in Hispanic Literature at the Pontifical Catholic University of Peru. She belongs to the Postgraduate Cultural Studies Group and has collaborated on textual analyses focused on motherhood. She also teaches Academic Writing in the Department of Sciences at the same university. Her current research focuses on ecocriticism and affect theory in both contemporary science fiction literature and film. She is interested in exploring the future possibilities that the relationship between human beings and nature presents in response to the global ecological crisis throughout the arts. She has been a panelist and regular organizer of her Faculty's Literature Annual Colloquium. In 2025, she published her first poetry book, *Mudarse es un verbo de movimiento* (Moving is a Placement Verb), and her first article ""¿Qué padres son los que protegen? Lo gótico, lo siniestro y la protección familiar en los cuentos "El huésped" (1959) de Amparo Dávila y "El desierto" (1923) de Horacio Quiroga" (Which parents are the protectors? The gothic, the sinister and familiar protection in the stories "The Guest" by Amparo Dávila and "The Desert" by Horacio Quiroga) in the Peruvian literature journal *Lucerna*.

Towards a Post-Global Oikology: Comparative Literature as a Practice of Care

Alexis Radisoglou

(Durham Univ.)

The unifying feature of the global ‘polycrisis’ we inhabit is, arguably, a pervasive absence of care – for the planet; for human and more-than-human others; for welfare and sociality; for language, nuance and complexity. Crucially, thereby, this absence of care can be read as both a global phenomenon in itself and as a response to anxieties about the condition of globality. As such, it forms part of what I have elsewhere called a ‘symptomatology of globalization and its discontents’. How, then, can we address legitimate grievances about the social, political and environmental depredations of a globalized world without reverting to the regressive and identitarian logic of a merely anti-global thinking? In dialogue with recent theoretical work in areas such as transculturality, planetarity, and decoloniality, my paper explores the ways in which the practice of comparison, and the field of Comparative Literature as such, can contribute to a new ethics – and aesthetics – of care predicated on what I call a ‘post-global oikology’. I use this term to denote a new form of planetary relationality that encompasses a radical re-imagining of the parameters of our inhabiting a shared planet. Crucial to this is an expansive conception of the prefix ‘eco-’ – or, in the original Greek etymology of the word, ‘οἶκο-’ – that lets us conceive of oikology in its manifold valences as a signifier of the environment; of home, (gendered) relation, and kinship; and of a structure of worldly relations opposed to the economic logic of neoliberal globality.

*

Alexis Radisoglou holds a PhD from the Institute for Comparative Literature and Society at Columbia University (2015) and is Associate Professor and Director of German Studies in the School of Modern Languages and Cultures at Durham University, UK. He is currently

engaged in two larger research projects titled, respectively, 'Post-Global Aesthetics' and 'Eurozone(s): Literary Imaginaries of Contemporary Europe', both of which are centrally concerned with developing new frameworks for conducting comparative cultural criticism. Recent publications include an article on a 'symptomatology of globalization and its discontents'; a programmatic essay titled 'Ethnoplanetarity: Four Theses and a Postscript on a Contemporary Decolonial Constellation'; a special issue for *The Germanic Review* on 'Post-Global Perspectives on German Literature'; a discussion of the complexities of an 'Anthropocene Realism'; and a long journal article titled 'What is the EU Novel?' Arche-Teleology, Queer Temporality, and the Contested Domain of Europe in Robert Menasse's *Die Hauptstadt* and Angela Dimitrakaki's *Aeroplast*'. He has also held recent keynote lectures at the Universities of Oxford and Bristol titled 'Greek Literature as German Literature' and 'After the Globe: German Literature, the Impasse of Anti-Globalism, and the Horizon of Postglobality'.

Expressões de agentividade e do care no teatro: circulação de artistas e repertórios na cena oitocentista em Portugal

Ana Clara Santos

(Univ. Algarve/CIAC)

Acreditamos que os desafios colocados à Literatura Comparada no questionamento das modalidades e expressões da agentividade, ancorado na noção do care, podem ser extremamente promissores para o estudo das interligações entre literatura e outras artes, nomeadamente no campo teatral. Queremos, por isso, revisitar a ação de certos agentes culturais no processo de produção e circulação de um certo repertório teatral oitocentista em Portugal entre Lisboa e a capital da região algarvia. Esse estudo é agora possível graças ao acesso ao Arquivo do Teatro Lethes e à concretização da exposição que esteve patente na CCDDR-Algarve e cuja curadoria assumimos. Entender a ligação que se estabelece entre alguns teatros lisboetas oitocentistas e o teatro Lethes em Faro, visto como espaço de resistência e de coesão sociocultural, torna-se imperioso para situar a prática artística deste espaço teatral como prática relacional assente na base da intervenção ética e social na qual diferentes agentes culturais (diretores de teatro, empresários, ensaiadores, atores) exercem formas de cuidado decorrentes das suas escolhas estéticas e institucionais num diálogo permanente entre tradição e renovação, entre centro e periferia. Estamos em crer que só uma abordagem deste género nos permite reequacionar o papel determinante dos agentes culturais na preservação do património teatral e na edificação de uma memória coletiva, essenciais para a História do teatro no nosso país numa perspectiva descentralizada, que pressupõe ter em conta o diálogo entre teatros da capital e um teatro da província, inaugurado um ano antes do Teatro Nacional D. Maria II.

*

Professora Associada na FCHS-UAlg, **Ana Clara Santos** é Diretora do Mestrado em Processos de Criação, investigadora integrada do CIAC-Centro de Investigação em Artes e Comunicação e colaboradora do CET-Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa. Membro fundador da APEF-Associação Portuguesa de Estudos Franceses, integrou a Direção da associação desde a sua criação em vários mandatos como Secretária, Vice-presidente e Presidente; atualmente, é Presidente Honorária e codirige, com Maria de Jesus Cabral, a coleção “Exotopies” (APEF- prémio Hervé Deluen 2014 da Academia Francesa) nas edições Le Manuscrit em Paris. Na mesma editora, dirige a coleção « Entr’acte : études de théâtre et de performance », do CET-UL. Dirige ainda a revista *Synergies Portugal*, indexada na *Scopus*. Integrou o projeto europeu ARGOS, *olhares ampliados sobre a cena europeia contemporânea*, financiado pelo programa Europa Criativa (2018-2021), tendo sido responsável, em colaboração com a Prof.ª Maria João Brilhante, pela introdução dos Estudos de Genética teatral em Portugal, nomeadamente na FLUL e na UAlg. Possui vasta obra publicada a nível nacional e internacional nas áreas da Literatura (Literatura Comparada e Literatura Francesa) e dos Estudos de Teatro, sendo coautora dos primeiros repertórios de teatro em Portugal, *Repertório teatral na Lisboa Oitocentista*, publicados na Imprensa Nacional.

Em nome do pai: cuidar dos vivos e evocar os mortos em *A Montanha* de José Luís Peixoto

Ana Margarida Fonseca

(IPG/ ILC)

Em *A Montanha* (2025), José Luís Peixoto apresenta uma narrativa híbrida e estruturalmente complexa em torno da experiência do cancro, partindo dos testemunhos de seis doentes do IPO, os quais se cruzam com a sua própria memória do pai falecido anos antes devido à mesma doença. Numa obra fortemente marcada pela metaliterariedade, Peixoto adota um registo fragmentário, por vezes paradoxal e desconcertante, sem negligenciar o humanismo profundo imanente ao ato de cuidar. Deste modo, é nosso objetivo analisar este romance na perspetiva de uma ética literária e comparatista do cuidado. Para tal, estabeleceremos igualmente relações intertextuais quer com a obra inaugural do autor, *Morreste-me*, quer com outros textos literários que versam a doença e a morte.

*

Ana Margarida Fonseca é professora coordenadora no Instituto Politécnico da Guarda. Possui mestrado e doutoramento em Literatura Comparada pela Universidade de Lisboa, desenvolvendo investigação na área das literaturas contemporâneas de língua portuguesa (portuguesa, angolana e moçambicana), estudos de identidade, estudos pós-coloniais e literaturas da afrodescendência. É membro integrado do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (Faculdade de Letras do Porto) e membro colaborador do Centro de Estudos Comparatistas (Faculdade de Letras de Lisboa). Para além de artigos incluídos em revistas, obras coletivas e livros de atas de âmbito nacional e internacional, é autora de *Projectos de Encostar Mundos. Referencialidade e*

Representação na Literatura Angolana e Moçambicana dos Anos 80 (Prémio Revelação da APE – Ensaio Literário, Difel, 2002) e de *Percursos da Identidade. Representações da Nação na Literatura Pós-Colonial de Língua Portuguesa* (Fundação Calouste Gulbenkian/FCT, 2012).

Escrever contra o exílio : elaboração do trauma e poética do cuidado na literatura contemporânea

Ana Paula Coutinho

(Univ. Porto/ ILC)

Partindo da distinção de Dominick LaCapra (2001) entre *acting out* (a repetição compulsiva do trauma sem elaboração) e *working through* (a construção de uma distância narrativa que permite a reconstrução do sujeito), e articulando esse quadro com a teoria da identidade narrativa de Ricoeur e as reflexões de Derrida sobre a língua do exílio, procurar-se-á mostrar que o cuidado (*care/soin*) literário não reside tanto no tema mas na forma, isto é, no modo como cada obra negocia , sem nunca a resolver completamente, a tensão entre a ferida do exílio e as possibilidades da linguagem. A análise de um *corpus* literário constituído por passagens de obras de Sebald, Kristof, Said e Lídia Jorge, levar-nos-á a propor um conceito operatório - *a hospitalidade formal ao trauma* - como base de uma poética do cuidado atenta tanto às potencialidades como aos limites da narração enquanto gesto terapêutico.

*

Ana Paula Coutinho é Professora Catedrática do Departamento de Estudos Portugueses e Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde tem lecionado nas áreas da Literatura Comparada e dos Estudos Franceses. Doutorada em Literatura Comparada (1998) e com Agregação em Literaturas e Culturas Românicas (2010), sempre se dedicou à literatura contemporânea numa perspetiva comparatista, tendo nos últimos anos desenvolvido particular investigação no domínio das interculturalidades e das representações literárias e artísticas das migrações e do exílio. Integrou várias Direções do Instituto de Literatura Comparada (2001-2003; 2012-2015;

2015-2021), tendo sido sua Coordenadora Científica entre 2015 e 2021. Atualmente é diretora da Licenciatura em Literatura e Estudos Interartes; coordena a enciclopédia digital *Ulyssei@s* e é co-coordenadora das bases de conhecimento *Diásporas em Português* e *A Europa face à Europa*. Membro colaborador do CRIMIC (Université Paris IV), colaborou com o Programa *Non-Lieux de l'Exil* (Collège d'Études Mondiales – FMSH) e integra a rede transnacional LEA! Lire en Europe aujourd'hui. Tem numerosos artigos publicados em revistas e outras publicações coletivas, nacionais e estrangeiras. Dos livros publicados ou (co)editados, destacam-se *António Ramos Rosa. Mediação Crítica e Criação Poética*, 2003 (Prémio Ensaio Pen-Club); *Lentes Bifocais – Representações literárias da Diáspora Portuguesa*, 2009, *Passages et Naufrages migrants. Les fictions du détroit*, 2012; *Marguerite Duras. Palavras e Imagens da Insistência*, 2015; *Espacialidades: revisão do espaço na literatura*, 2019; *Europa Literária: criação e mediação literária*, 2021; *Agustina leitora. Leituras de Agustina*, 2023.

A psicanálise literária e a literatura incomparável

Andressa Araújo

(UFBA) /

Lucia Castello Branco

(UFMG)

Como egressa do Doutorado em Literatura Comparada, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, e responsável pela Linha de Pesquisa Literatura Comparada, há mais de trinta anos, proponho apresentar, em parceria com Andressa Araújo, orientanda de doutorado no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, o que temos chamado de “psicanálise literária”, e que já foi tema de um livro, escrito em parceria com Ayanne Sobral, intitulado *O que é psicanálise literária?* (RJ: Editora UFRJ, 2023), tendo sido também tema de sua tese de doutorado. Assim, tomando a psicanálise literária como método, propomos a leitura de duas autoras incomparáveis – Maria Gabriela Llansol e Hilda Hilst –, das quais nos acercamos por “exercícios de aproximação” (Silvina Rodrigues Lopes), que nos fornecem elementos para pensarmos a lógica comparatista em suas afinidades com a “ética do cuidado”. Para tanto, trazemos a discussão que desenvolvemos em torno do binarismo comparatista que se poderia supor numa articulação entre “Literatura e Psicanálise”, de maneira a chegarmos à construção de uma “psicanálise literária”, que desessencializa a literatura, transformando-a em um adjetivo para a psicanálise, mas também eleva a literatura ao lugar de um nome próprio (não se trata exatamente da psicanálise freudiana, ou lacaniana, mas da psicanálise literária), afirmando sua irredutibilidade. A proposta, com a leitura dessas duas autoras, é retornar à “primitiva urna das palavras” (Hilst), lembrando que “numa palavra qualquer se conta” (Llansol), como propõem a literatura e a psicanálise enquanto éticas do cuidado.

★

Andressa Araújo é doutoranda em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia sob orientação de Lucia Castello Branco. Atua como coordenadora da pós-graduação

em Psicanálise e os Desafios da Contemporaneidade, onde também é professora. Psicanalista, Mestre em Música pela Universidade Federal da Bahia e graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, atua também como escritora e compositora, tendo publicado o livro *Um Oceano devorará meu esconderijo* (2025) e o álbum *O mandacaru intergaláctico* (2020), dentre outros.

Lucia Castello Branco é Professora Titular em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG (aposentada), e Professora Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Fez mestrado em Literatura Luso-brasileira na Indiana University, doutorado em Literatura Comparada na UFMG, e pós-doutorado em Teoria da Literatura na Universidade Nova de Lisboa e na University of California, e em Teoria Psicanalítica na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fez um estágio sênior na Emory University, em 2014/2015, sob a supervisão de Shoshana Felman, de quem traduziu dois livros e organizou um livro de ensaios e entrevistas. É psicanalista e escritora, autora de diversos livros de literatura e psicanálise, romance, contos e literatura infanto-juvenil. Legente de Maria Gabriela Llansol desde 1992, quando se tornou também amiga da escritora e escreveu, sobre a autora, seis livros, tendo orientado mais de vinte teses e dissertações sobre sua obra. É pesquisadora do CNPq desde 1991 e líder do grupo de pesquisa “Práticas da Letra: escrita, leitura, tradução, psicanálise”. Desde 2011, sustenta o blog www.fiodeaguadotexto.wordpress, dedicado às ressonâncias do texto de Maria Gabriela Llansol no Brasil.

La narration de soi entre psychothérapie et littérature

Anne Staquet

(Univ. Mons)

Pour défendre l'idée qu'il importe de soigner la littérature, j'examinerai l'hypothèse selon laquelle la littérature, en retour, soigne l'âme. Pour ce faire, j'adopterai une démarche en deux temps. Dans un premier temps, je mettrai en évidence que la littérature et la psyché ne se contentent pas de présenter quelques similitudes, mais qu'elles partagent en réalité trois de leurs caractéristiques fondamentales. Toutes deux reposent sur l'imagination et les images ; elles relèvent davantage de l'émotion que du raisonnement ; enfin, elles accèdent à l'universel par la voie de la subjectivité plutôt que par celle de la généralisation. Dans un second temps, afin de montrer comment ce soin s'opère, je me concentrerai sur une forme commune à la littérature et à la psychothérapie : le récit de vie ou la narration de soi. Plutôt que d'examiner le récit autobiographique en tant que genre littéraire, j'analyserai plusieurs approches thérapeutiques centrées sur la parole. Ainsi, à partir de la psychanalyse et de la thérapie narrative, je montrerai comment la psyché se soigne par l'élaboration de récits de soi et, par conséquent, en quoi la fonction narrative constitue un élément essentiel de ce processus de soin.

*

Anne Staquet est thérapeute et professeur de philosophie à l'Université de Mons, où elle dirige le service de Philosophie et d'épistémologie, l'Institut de recherche Langage et le comité de pilotage des Editions universitaires de Mons. Ses recherches ont d'abord porté sur les utopies, puis sur le langage entre les lignes à l'époque moderne. Depuis quelques années, elle se concentre particulièrement sur la philosophie de la santé mentale.

De la desposesión a la atención: la Literatura comparada como práctica de cuidado

António Alías

(Univ. Granada)

En el contexto contemporáneo de renovación de la Literatura comparada, la noción de care se ha afirmado como una categoría crítica capaz de reconfigurar los modos de pensar la literatura en su dimensión ética y política. En este horizonte, el *cuidado de sí* foucaultiano permite reconsiderar la práctica comparatista más allá de los marcos tradicionales de la subjetivación estética, al concebir el cuidado no como una práctica privada de formación del sujeto, sino como una forma de relación con la verdad y con los otros que inscribe el pensamiento en un régimen de responsabilidad, atención y transformación. Desde esta perspectiva, la Literatura comparada puede comprenderse como una práctica de este cuidado: un ejercicio de atención a las formas de existencia literaria que se configuran en la relación entre lenguas, tradiciones y mundos culturales, mostrando en sus prácticas aquello que había permanecido invisible o carente de reconocimiento. Pero también a una escala fenomenológica, en la medida en que la literatura abre espacios de experiencia en los que se vuelven perceptibles otras formas de vida y otras posibilidades de relación con el mundo. El comparatismo se revela, así, como una práctica crítica de atención que desestabiliza la ficción moderna del sujeto autosuficiente y sitúa la experiencia literaria en el horizonte de una ontología fundamentalmente relacional. De la desposesión a la atención. De hecho, las éticas contemporáneas del care han conceptualizado esta dimensión al subrayar la vulnerabilidad y la interdependencia como condiciones de lo humano, frente a las amenazas que lo constriñen (Brugère). Algo que, para Judith Butler, se asume en la *precariedad* que designa la exposición constitutiva de la existencia hacia los otros; mientras que Adriana Cavarero -en ese mismo sentido- ha mostrado que la pregunta

ontológica se desplaza del “qué soy” al “quién eres”, para indicar que la singularidad del sujeto emerge siempre en la relación *narrativa* que lo interpela colectivamente. Desde esta fundamentación ética, el comparatismo literario se revela, finalmente, como una práctica política. Si la política consiste en hacer visible aquello que carecía de lugar en el régimen dominante de inteligibilidad (Rancière), la práctica comparatista participa de ese gesto crítico que abre -o rasga- la representación a voces y experiencias históricas relegadas a sus márgenes. En este marco, el presente trabajo propone pensar la Literatura comparada como una forma de cuidado en el que la literatura se conforma, entonces, como una práctica que hace legibles formas de existencia previamente invisibilizadas y, con ellas, la de nuevas posibilidades de vida aún por venir (Deleuze).

*

Antonio Alías es Doctor en Teoría de la Literatura y del Arte y Literatura Comparada por la Universidad de Granada (UGR) con la tesis intitulada *Formas de la razón herida. Genealogía y transición de la memoria como categoría del pensamiento crítica* (2015). Con anterioridad, en esta misma universidad, cursó los estudios de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada (2009). En la actualidad es profesor en la Universidad de Granada de los estudios de Grado en Literaturas Comparadas y del Máster en Estudios Literarios y Teatrales. Sus intereses en el ámbito de la investigación se centran en la Teoría crítica y sus vínculos conceptuales con la Teoría de la literatura y la Estética, en especial aquellos que significan al pensamiento poético como una forma de razón crítica.

Os estudos comparatistas de Literatura na obra de Manuel Antunes: o ensaio como género “cuidado” e “cuidadoso”.

António Barros

(Univ. Porto)

A obra do Padre Manuel Antunes sobre Literatura Portuguesa parece-nos particularmente adequada para exemplificar a importância dos estudos comparatistas, mas sobretudo para demonstrar o papel determinante da noção de “cuidado” na crítica literária. Por um lado, porque a escrita de Manuel Antunes não se limita à descrição ou à erudição: ela procura discernir, chamar a atenção, orientar e preservar o “humano”, a “humanidade”, as “Humanidades”. Por outro lado, porque a sua obra é constituída principalmente por “ensaios” — um género de escrita interpretativa essencialmente reflexiva, quase íntima. Não descurando o pendor argumentativo, Manuel Antunes sempre privilegia o pensamento pessoal, matricialmente livre. Procuraremos demonstrar como, em alguns ensaios, a escrita se torna uma forma atenta de intervenção, “cuidada” e “cuidadosa”.

*

António Manuel dos Santos Barros é Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2011/2012, 19 valores), encontrando-se atualmente a ultimar a sua tese de Doutoramento sobre a obra literária do P.e Manuel Antunes. Publicou dois artigos na *Revista Brotéria*. O primeiro intitulado *A Obra do Padre Manuel Antunes publicada na Brotéria. Uma Análise Quantitativa* (*Brotéria*, vol. 187, novembro 2018, pp. 600-617); o segundo, *A Pseudonímia na Obra do Padre Manuel Antunes* (*Brotéria*, vol. 188, março 2019, pp. 456-477). Em 2018, quando do 100.º aniversário do nascimento daquele padre,

foi um dos convidados para fazer uma comunicação *no Congresso Internacional Repensar Portugal, a Europa e a Globalização. 100 Anos Padre Manuel Antunes, S.J.*, na Fundação Calouste Gulbenkian.

Prendre soin d'un (très grand) corpus (mineur) : propositions práctico-théoriques

Aurore Turbiau

(UNIL/ CIEL)

Ma communication réfléchirait centralement aux notions de soin et de maniabilité des corpus en littérature comparée. Je prendrai pour cas d'étude l'exemple de mon travail post-doctoral consacré à la notion critique d'un « féminisme-monde en français », qui articule les premières questions de l'appel : comment penser une littérature « mondiale » sans faire violence ? comment penser l'interaction entre épistémologies universitaires et politiques ? Le corpus de textes réunis compte 1 298 œuvres publiées et couvre l'ensemble de l'espace francophone mondial, y compris certaines de ses périphéries linguistiques définies par l'histoire coloniale (Vietnam, Premières Nations). Il interroge la minorisation littéraire, à la fois question de marginalité (femmes, homosexuel·les, etc.) et comme question de déterritorialisation par la langue (le « mineur » de Deleuze et Guattari saisi sous un angle comparatiste). Dans ce cadre, je développe un logiciel, Litote, dont l'une des ambitions est de matérialiser, comme outil pratique, ce que l'on peut faire pour lire, mémoriser et analyser un tel immense corpus d'œuvres. Il ne fonctionne pas comme base de données stabilisée ou exhaustive, mais comme interface externalisant une analyse critique mobile : on y enregistre, puis trie, des extraits d'œuvres classés ; des corpus primaires peuvent être distingués d'autres secondaires, tertiaires, etc., selon des critères qui peuvent varier. Ainsi, une pondération mi-algorithmique mi-manuelle met en pratique l'idée méthodologique et théorique de la consubstantialité des luttes (féministes, antiracistes, décoloniales, écologiques, etc.), pour réarticuler autant de fois que nécessaire à l'analyse un corpus dont l'on veut considérer autant l'unité que l'hétérogénéité profonde. C'est du fonctionnement de ce logiciel que je voudrais centralement parler, pour en montrer les fondements critiques, en interroger

les possibilités et les limites en termes de care par rapport au corpus. En découpant, externalisant, retriant, il peut être fait violence, d'une certaine manière, aux œuvres et aux corpus qu'elles intègrent (jusqu'à poser, concrètement, des questions juridiques). En même temps, il visibilise, rend possible l'émergence de motifs et de théories littéraires propres à des littératures marginalisées qui pensent leur marginalité ; un tel dispositif empêche aussi de séparer le corpus de sa lecture, très concrète (impossible de le lire de loin), réparant ainsi, au sein d'un cadre de « littérature mondiale », une relation établie avec l'œuvre.

*

Aurore Turbiau est post-doctorante en littérature comparée au sein du CIEL à l'Université de Lausanne, également membre associée du CRIT à l'Université Marie et Louis Pasteur. Autrice du livre *Engagées : littératures féministes en France et au Québec* (2026), elle est également co-autrice d'*Écrire à l'encre violette. Littératures lesbiennes en France de 1900 à nos jours* (paru en 2022, passé en poche en 2025), et co-directrice du collectif *Grands corpus : jeux d'échelle et enjeux méthodologiques en littérature comparée* (avec Carla Robison, à paraître courant 2026, *Revue de littérature comparée*). Ses projets de recherche actuels portent le titre : « Un féminisme-monde en français ? Grands corpus et hors sols de la cause des femmes en littérature (1969-2007) ».

Le souci poétique du monde : la poésie arabe contemporaine de l'océan Indien

Bénédicte Letellier

(Univ. de La Réunion)

Cette communication interroge le renouveau de la méthode comparatiste à partir de la poésie arabe contemporaine de l'océan Indien, envisagée comme une épreuve de la complexité du monde. Elle propose d'analyser les opérations de passage — circulation, traduction, multiplication des centres — à l'intérieur d'un espace linguistique structurellement polycentrique, au sens où Chakrabarty entend le polycentrisme : non pas seulement comme critique de l'unicité européenne, mais comme coexistence de centres historiques et ontologiques irréductibles. Le corpus est construit pour démontrer cette pluralité constitutive : il réunit des poètes situés dans des foyers historiques de l'arabité indianocéanique (Yémen : Abdulaziz al-Zara'i, Ibtisam al-Mutawakkil ; Oman : Saif Al-Rahbi ; Soudan : Al-Saddiq Al-Raddi, Mahjoub Sharif), où circulations maritimes, soufies et commerciales ont façonné une production poétique autonome, antérieure à la mondialisation contemporaine. Le corpus intègre également des voix du Golfe (Hissa Hila, Arabie saoudite) et de la diaspora extrême (Wadih Saadeh en Australie, Salah Faik aux Philippines), montrant que le polycentrisme arabe opère aussi hors de tout ancrage géographique stabilisé. Contrairement à la francophonie, où la pluralité émerge souvent en résistance à une norme métropolitaine, la langue arabe intègre structurellement la diglossie et la variation comme conditions précoloniales. Ces poésies résistent à l'uniformisation globale par trois stratégies : réactivation de motifs classiques (arrêt devant les ruines comme pratique du soin contre le mémoricide), hybridation formelle (qasida/vers libre), et condition born-translated où le poème négocie constamment entre canon, dialectes et langues étrangères. Ces pratiques poétiques relèvent d'un souci de la langue elle-même, dans sa capacité à maintenir ensemble unité et hétérogénéité.

Elles reconfigurent ainsi les cadres épistémiques du comparatisme : plutôt que de cartographier centres et périphéries, elles invitent à penser la mondialité depuis une pluralité de centres en tension.

*

Bénédicte Letellier est maitresse de conférences HDR en littérature comparée à l'Université de La Réunion depuis 2008 et est également une traductrice reconnue de poésie arabe. Depuis septembre 2025, elle est en délégation de recherche au CNRS et rattachée à l'unité de recherche THALIM (UMR) de la Sorbonne Nouvelle. Ses travaux portent principalement sur l'étude comparée des littératures arabe et européenne, avec un intérêt croissant pour la production littéraire dans la zone de l'océan Indien. Elle a codirigé, avec Nejmeddine Khalfallah et Fouad Mlih, l'ouvrage *Le monde arabo-musulman au regard de l'Europe dans les ouvrages lexicographiques* (XVIIe-XXe siècles) (PUI, 2024). Parmi ses traductions figurent *l'Adoniada d'Adonis* (Le Seuil, 2021), ainsi que celle d'un poème de Doha Al-Kahlout pour l'anthologie *Sur cette terre, Il y a ce qui mérite vie. 17 écrivains pour la Palestine* (Le Seuil, 2025) et en janvier 2026 la traduction *Tour Gambetta et autres poèmes d'Adonis* chez Seghers.

“Viver depressa é consolarmo-nos de não saber viver”: Agustina Bessa-Luís e a construção de mundos em devir

Bruna Oliveira

(Univ. Porto)

O presente trabalho propõe analisar dois contos de Agustina Bessa-Luís a partir da perspectiva da Literatura Comparada como prática que “cuida da literatura”, atenta à produção de sentido sobre o mundo e à responsabilidade ética do leitor (Spivak, 2003; Tronto, 1993). O foco recai sobre “Uma Vida Banal” e “A Viagem dos Trezentos Passos”, explorando a construção de mundos literários marcados pela instabilidade, pela repetição e pela experiência quotidiana. Em “Uma Vida Banal”, o isolamento no chalet e a presença silenciosa do sanatório revelam a fragmentação do sujeito e a naturalização do mal-estar psíquico, enquanto o espaço doméstico se converte em lugar de clausura e opressão. Em “A Viagem dos Trezentos Passos”, o vendedor ambulante constrói e organiza a rua através de sua prática diária, criando sentido e ritmo no espaço urbano, seu desaparecimento evidencia o esvaziamento simbólico do ser no cotidiano. A leitura à luz de Toronto permite perceber a atenção ética que a narrativa exige: os textos tornam visíveis as formas silenciosas de sofrimento, convocando o leitor a uma postura de escuta e responsabilidade. O conceito deleuziano de “devir” (Mil Platôs, 1987) ilumina esses mundos como processos em transformação contínua, nos quais personagens, espaços e experiências não se fixam, mas se articulam e fragmentam, produzindo sentidos múltiplos. Dessa forma, a narrativa agustiniana nos ensina a percebê-los, senti-los e responder a eles de maneira ética. A literatura torna-se, desse modo, prática de cuidado e experiência sensível, revelando a fragilidade, a mutabilidade e a riqueza do quotidiano moderno.

*

Bruna Oliveira é doutoranda no Doutoramento em Estudos Literários Culturais e Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A sua investigação tem ênfase em pesquisas sobre Agustina Bessa-Luís.

Centralidade do rosto feminino em *Misericórdia* de Lídia Jorge

Cândido Oliveira Martins

(UCP)

A extensa obra literária de Lídia Jorge distingue-se por algumas dominantes temáticas, sobretudo ao nível da sua escrita romanesca. No seu mais recente romance *Misericórdia* merece realce a perspectiva feminina, como modo expressivo de olhar e pensar o mundo, a partir do espaço confinado de um lar de idosos. Com esta opção compositiva, a escritora adopta uma perspectiva crítica, ética e humanista, vocacionada para questionar o desafiante mundo contemporâneo e, ao mesmo tempo, propor rumos para um desejável mundo futuro. Para isso, apresenta uma atitude ambivalente: ora critica a violência da sociedade atual; ora aponta caminhos de esperança redentora para um novo mundo (palingénese), numa filosofia existencial norteadada pela ética do cuidar.

*

Cândido de Oliveira Martins é Professor Associado da Universidade Católica Portuguesa e investigador do CEFH. Autor de edições literárias, de vários livros e de artigos em revistas especializadas. Co-editor dos seguintes volumes temáticos mais recentes: *Masks and Human Connections: Disruptive Meanings and Cultural Challenges* (Palgrave / Springer, 2023); *The Power of the Image in the Work of Lidia Jorge* (Peter Lang, 2023); *Otherness in Literary and Intercultural Communication: Crossing Borders, Crossing Cultures* (Palgrave / Springer, 2024).

Entre distopia crítica e horizonte utópico: *A Caverna*, de José Saramago, e *News from Nowhere*, de William Morris, na imaginação de mundos habitáveis

Carlos Nogueira

(UTAD, UBI)

Proponho nesta comunicação uma leitura comparada de *A Caverna* (2000), de José Saramago (1922-2010), e *News from Nowhere* (1890), de William Morris (1834-1896), com o objetivo de pensar a literatura como espaço de crítica civilizacional e de imaginação de formas alternativas de habitar o mundo. Partindo do tema do congresso (o cuidar da literatura enquanto prática comparatista), pretendo mostrar como estes dois romances, separados pelo contexto histórico e pelo horizonte estético-ideológico, convergem na problematização da modernidade capitalista, da mercantilização da vida e da erosão dos vínculos entre trabalho, comunidade e espaço vivido. Em *A Caverna*, o Centro surge como figura de uma ordem social totalizante, fundada no consumo, na artificialização da experiência e na progressiva inutilização do humano, e o oleiro Cipriano Algor é emblema de resistência perante a despossessão do trabalho e da vida concreta. Em *News from Nowhere*, pelo contrário, a crítica da sociedade industrial conduz à projeção de uma comunidade pós-capitalista, descentralizada e reconciliada com o trabalho, com a natureza e com a experiência partilhada do quotidiano. A comparação entre estas obras permite pensar a literatura comparada como prática de cuidado: cuidado da complexidade histórica dos textos, da atenção hermenêutica ao texto literário, mas também cuidado das formas de vida que a literatura interroga, denuncia e imagina. Entre a distopia crítica e a utopia social, estes romances tornam

visíveis mundos em crise e mundos ainda por construir, isto é, são uma reflexão sobre as formas de vida que a literatura torna pensáveis, contestáveis e imagináveis.

★

Carlos Nogueira é diretor da Cátedra José Saramago da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e professor (de Literatura Comparada e de literaturas não canónicas) da Universidade da Beira Interior. Reflete e escreve sobre temas ético-políticos, morais e jurídico-filosóficos, a partir não só das ideias, das literaturas/culturas e dos regimes jurídico-constitucionais modernos e contemporâneos, mas também do debate público atual sobre a organização ética e moral, política e social, económica e jurídica. Recebeu o Prémio de Ensaio Vergílio Ferreira (2022), o Prémio de Ensaio Jacinto do Prado Coelho (2019), o Prémio Montepio de Ensaio (2012, 2013 e 2014) e o Prémio Santander de Internacionalização da Produção Científica da FCSH / Universidade Nova de Lisboa (2011, 2012, 2013, 2014). Entre os seus livros mais recentes, contam-se *José Saramago: a Literatura e o Mal* (2022), *Viagem a José Saramago* (org., Lisboa, Tinta-da-China, 2024) e *Que Faremos com José Saramago?* (org., Lisboa, Tinta-da-China, 2024).

De la violencia al cuidado: estrategias revisionistas en la narrativa criminal escrita por mujeres

Catalina Mir

(LICETC—Univ. de les Illes Balears)

En las últimas décadas, el cruce entre los ejes de género literario (genre) y género sexual (gender) ha dado lugar a un campo de análisis con una sólida masa crítica. Especialistas en ficción criminal femenina como Shelley Godsland, Kathleen Klein, Nancy Vosburg y Elena Losada han contribuido a aplicar la perspectiva de género al estudio de la novela policiaca escrita por mujeres, un corpus que hoy resulta aún más productivo si se aborda desde las nociones de afecto y cuidado. Losada (2018) señala que los personajes femeninos creados por escritoras tienden a configurarse como sujetos más relacionales, conscientes de su vulnerabilidad y del valor de los vínculos sociales, en contraste con la figura clásica del héroe masculino marginal y solitario. Asimismo, identifica en ciertas tendencias de la nueva narrativa criminal una concepción del ser humano no como individualidad autosuficiente, sino como parte de un entramado colectivo. Estas propuestas se inscriben en lo que Vosburg (2002) ha denominado «estrategias revisionistas» orientadas a cuestionar las reglas heteropatriarcales del género criminal canónico. Partiendo de esta base, la comunicación examina algunos mecanismos con que diversas escritoras en catalán y español —con especial énfasis en la pionera María Antònia Oliver— desplazan el foco de la narrativa criminal tradicional: de la identificación del culpable y la restauración del orden legal hacia la reparación del daño causado por la violencia, prestando atención a las voces históricamente silenciadas y a las emociones de las víctimas. Asimismo, analiza críticamente las tensiones y los límites de esta redefinición del género.

★

Catalina Mir es investigadora posdoctoral, adscrita al programa Margalida Comas del Gobierno de las Islas Baleares (CAIB), en el Departamento de Filología Catalana y Lingüística General de la Universitat de les Illes Balears. Forma parte del grupo de investigación en literatura contemporánea LiCETC. Es doctora con mención internacional por la Universitat de Barcelona (2023), con Premio Extraordinario de Doctorado por la tesis *Espai, violència i gènere a la novel·la criminal: les escriptores de la col·lecció «La Negra»* (1986-1998). Del 2018 al 2023, fue investigadora predoctoral contratada (programa FPU, Gobierno de España) de ADHUC, el Centro de Investigación en Teoría, Género y Sexualidad de la Universitat de Barcelona. Ha participado en cuatro proyectos de investigación competitivos de ámbito nacional, es autora de la monografía *Vint-i-dues aproximacions a la traïció com a tema literari: per a una anàlisi global de 'Vint-i-dos contes' de Mercè Rodoreda* (Institut d'Estudis Catalans, 2021) y coeditora del volumen *Mirades afectives sobre la cultura catalana contemporània* (Edizione Ca' Foscari, 2023). Como profesora, ha impartido más de 400 horas de docencia entre dos centros: la Universitat de Barcelona y la Universitat de les Illes Balears.

Entre jornalismo e literatura: o romance *Puro Empeño* (2025), de Maria Iglésias

Celia Vieira

(Univ. Maia/CIAC)

Nesta comunicação propomos uma análise do romance espanhol *Puro Empeño* (2025), da escritora e jornalista Maria Iglésias, com o objetivo de refletir sobre as interseções entre jornalismo e literatura e sobre as formas contemporâneas de expressão da arte social e politicamente comprometida. Nesta obra, a opção pela polifonia narrativa permite colocar em evidência a voz do Outro, apresentando três perspectivas culturais diferentes (marroquina, espanhola e francesa) face a um dilema moral colocado às protagonistas do

romance. Assim, a diversidade de vozes do romance dilui a modelização ideológica da narração e lança na consciência do leitor a dúvida sobre como agiria se fosse colocado diante da mesma situação limite. Para além da estrutura dialética que coloca as personagens diante da opção entre ignorar a injustiça, ser indiferente, ou agir, sabendo que o indivíduo não poderá alterar o sistema estabelecido e que só poderá intervir violando a lei, o romance coloca em cena os limites da ação individual e, por consequência, a função da própria literatura face à realidade que representa.

*

Célia Vieira é professora associada na Universidade da Maia (Porto, Portugal), investigadora no CIAC (Centro de Investigação em Arte e Comunicação) e foi membro da equipa dos projetos do ITEM-CNRS «Projet Naturalisme-Monde», «Projet ScéNa - Scènes et Scénarios Naturalistes: regards croisés (littérature, théâtre, musique, cinéma, photographie)», «Circulations naturalistes et véristes en Europe: Traductions et adaptations des œuvres», «Rémanence des naturalismes/vérismes de l'Europe néolatine du XIXe siècle dans les cultures artistiques contemporaines (XXe / XXIe)»,

bem como do projeto, ainda em curso, « Valeurs de la célébrité» (UFRJ-Sorbonne Nouvelle). Especializou-se na área da literatura comparada, com a tese *Teoria do romance naturalista ibérico e a sua influência francesa* (Faculdade de Letras do Porto), tem numerosas publicações nas áreas da literatura comparada (portuguesa, francesa e espanhola), humanidades digitais e estudos de intermedialidade.

A imagem de um parado correndo: *O Jardim sem Limites* de Lídia Jorge e o cinema de Tarkovsky

Conceição Brandão

(Univ. Porto/ ILC)

Ao longo de *O Jardim Sem Limites*, a construção do conflito interior de Static Man assume uma função central na produção de um efeito catártico, permitindo a libertação de tensões e abrindo espaço ao questionamento. A minúcia na descrição dos gestos, a intensificação dos movimentos interiores, bem como a exigência de uma execução sem falhas, conferem à performance de Static Man uma dimensão quase coreográfica. Nesse sentido, o espaço narrativo converte-se num dispositivo estruturante que possibilita a configuração de um corpo ritualizado, cuja espiritualização remete para uma dimensão ética e relacional próxima do conceito de *care* desenvolvido na literatura contemporânea — entendido como prática de atenção, responsabilidade e sensibilidade perante a vulnerabilidade humana. De modo análogo, no cinema de Andrei Tarkovsky observa-se uma estética fundada na interrogação persistente do real e do sujeito, marcada por uma atenção contemplativa às fragilidades da condição humana. Sem abdicar dessa inquietação, o realizador preserva, contudo, a possibilidade de uma comunhão com o humano e de uma esperança ténue de regeneração. A aproximação entre a sua obra e a de Lídia Jorge revela-se, assim, particularmente fecunda, tanto pelas opções estéticas e técnicas como pela forma como ambos interrogam o sujeito contemporâneo, imerso em processos de desordem e degradação. A imobilidade sacrificial de Static Man — um “parado correndo” — transforma o seu corpo juvenil em lugar de inscrição da história. Neste quadro, o diálogo interartístico com Tarkovsky amplia a visualização da história como corpo e rosto simbólicos, particularmente na aproximação lenta ao rosto de Leonardo, gesto que ecoa a lente poética do cineasta e abre novos horizontes interpretativos.

*

Conceição da Silva Brandão é doutorada em Literatura Portuguesa pela Universidade Católica Portuguesa, tendo centrado o seu trabalho de dissertação na obra de Lídia Jorge. É atualmente membro integrado do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP). Publicou o livro *Formas de Silêncio em “Combateremos a Sombra” de Lídia Jorge* (2014) e tem participado em Colóquios Internacionais, de que resultaram diversas publicações em Portugal e no estrangeiro. Em 2020 participou no Colóquio em homenagem à escritora de *O Dia dos Prodígios*, a propósito dos quarenta anos da publicação desse romance, na Biblioteca Nacional de Lisboa. Tem vários artigos publicados em revistas (*Colóquio/Letras*, *Jornal de Letras Artes e Ideias*, *Cintilações*) e outras publicações colectivas, nacionais e estrangeiras, de que se salienta a publicação em *The Power of the Image in the Work of Lídia Jorge*, Peter Lang, Oxford, United Kingdom (2023).

Infâncias Feridas, Formas Inquietas: Vulnerabilidade e Experimentalismo em *Maina Mendes* e *A Pagan Place*

Daniel Floquet

(Univ. Porto/ ILC)

Esta comunicação propõe uma leitura comparatista de *Maina Mendes*, de Maria Velho da Costa, e *A Pagan Place*, de Edna O'Brien, tomando como ponto de partida a forma como ambos os romances representam a infância como espaço de vulnerabilidade, negligência e trauma. Nas duas obras, a violência inscrita na esfera familiar prolonga-se na esfera social, marcando trajetórias em que o desamparo infantil não surge como episódio isolado, mas como elemento narrativo estruturante. A comparação entre Velho da Costa e O'Brien faz emergir duas respostas estéticas distintas, embora convergentes, à experiência da vulnerabilidade. Mais do que apenas tematizar a violência, estes romances transformam o desamparo e os seus efeitos em uma questão de ordem estética e formal, tornando legíveis experiências que a ordem familiar e social tende a silenciar. Nesse sentido, o experimentalismo narrativo de ambas as autoras pode ser lido como crítica à vulnerabilidade e às estruturas que a produzem. Entre as ferramentas teóricas que serão utilizadas, destaca-se o conceito de care tal como formulado por Joan Tronto e Sandra Laugier, bem como as reflexões de Julia Kristeva sobre linguagem, violência e experimentalismo estético. Alguns nomes da fortuna crítica das duas autoras, como Eduardo Lourenço e Manuel Gusmão, no caso da escritora portuguesa, e Rebecca Pelan e Maureen O'Connor, no caso da escritora irlandesa, serão também evocados sempre que auxiliarem a leitura aqui proposta.

*

Daniel Floquet concluiu o mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2010, com a dissertação *A Pulverização das Dicotomias em Myra, de Maria Velho da Costa*. Atualmente, aguarda a defesa de sua tese de doutoramento *O Sangue Puxa o Sangue: Representações da Violência em Maria Velho da Costa e Edna O'Brien*, a qual desenvolveu com o apoio de uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/129705/2017).

Une littérature de la veille : médiations du care dans L'autofictif d'Éric Chevillard

Dominique Faria

(Univ. Açores/ CHAM)

Cette communication propose d'étudier L'autofictif d'Éric Chevillard comme une œuvre transmédiatique dont les différents modes de circulation – blogue quotidien, volume imprimé et marathon de lecture publique – produisent des régimes distincts du care. Il s'agira d'analyser comment le dispositif même de l'œuvre construit une pratique de veille, d'attention et de persistance face aux vulnérabilités contemporaines. Longtemps associé à une esthétique de l'ironie et de l'impassibilité, Chevillard fait pourtant émerger, dans son blogue, une attention insistante au vieillissement, au deuil, à l'effondrement écologique et aux formes de vie les plus discrètes. L'humour y fonctionne moins comme neutralisation des affects que comme « réflexe d'autodéfense » (Chevillard, 2026) face à l'angoisse et à la catastrophe. En m'appuyant notamment sur les travaux de Joan Tronto et Sandra Laugier, j'envisagerai le care comme pratique de maintenance du monde et attention aux formes de vie vulnérables. L'hypothèse sera que, dans L'autofictif, le care se manifeste moins par une empathie déclarative que dans les modalités temporelles et relationnelles de circulation de l'œuvre elle-même : le blogue instaure un régime de simultanéité propre à la publication quotidienne ; le livre confère aux fragments une fonction archivistique et rétrospective ; enfin, la lecture-marathon fait émerger une dimension collective et corporelle fondée sur la durée, la voix et l'écoute partagée. L'autofictif apparaîtra ainsi comme une littérature de la veille, où la circulation entre supports reconfigure les modalités du lien entre texte, auteur et lecteurs.

*

Dominique Faria est professeure associée à l'Université des Açores, où elle dirige le doctorat en Littératures et Cultures Insulaires ainsi que le master en Traduction. Elle est

membre du CHAM – Centre d’Humanités (FCSH-NOVA / Université des Açores), vice-présidente de l’Association Portugaise d’Études Françaises (APEF) et directrice de la revue scientifique Carnets. Docteure en littérature française, ses principaux domaines de recherche sont la littérature française contemporaine, les études de traduction et la littérature insulaire.

Islas, percepción y conocimiento: geopoéticas insulares en la escritura de viajeras (siglos XIX–XX)

Emanuela Forgetta

(Università degli Studi Suor Orsola Benincasa di Napoli)

Este trabajo analiza la función del paisaje insular como agente epistemológico en la escritura de viajeras europeas de finales del siglo XIX y comienzos del XX, centrándose en textos de Aurora Bertrana (Polinesia), Katherine Mansfield (Te Urewera), George Sand (Mallorca) y Sibilla Aleramo (Capri). Lejos de constituir un mero escenario o un objeto de descripción, la isla actúa en estas narrativas como una fuerza transformadora que reconfigura la percepción, modifica la relación entre cuerpo y entorno y produce formas específicas de conocimiento. Desde una perspectiva geopoética y ecocrítica, el estudio examina cómo la experiencia insular genera una ecología de la percepción en la que el entorno —mar, luz, clima, densidad vegetal— interviene activamente en la configuración de la subjetividad y de la forma textual. La fragmentación, la intermitencia y la intensidad epifánica que caracterizan estas escrituras no solo responden a elecciones estéticas, sino que constituyen la inscripción formal de una experiencia ambiental. El paisaje no es representado como fondo, sino como agente que actúa sobre el cuerpo y la conciencia. Asimismo, el trabajo propone el modelo del archipiélago como paradigma relacional que permite comprender estas escrituras más allá del aislamiento, subrayando las conexiones entre territorio, percepción y conocimiento. A través de este enfoque, se argumenta que la isla funciona como un ecosistema simbólico que produce una reorganización epistemológica, anticipando sensibilidades ecológicas contemporáneas y revelando el papel activo del entorno en la construcción de la experiencia y de la escritura.

*

Emanuela Forgetta es investigadora contratada en la Università degli Studi Suor Orsola Benincasa de Nápoles, donde desarrolla el proyecto internacional Letteratura catalana

e letterature romanze: il Medioevo e il Modernismo. Incontri, traduzioni, scambi. Desde 2009 es profesora de Lengua y Literatura Catalana en diversas universidades italianas (Università degli Studi di Napoli "L'Orientale", la Università degli Studi di Napoli Federico II y la Università di Sassari). Su investigación se sitúa en el ámbito de los estudios catalanes y la literatura comparada, con especial atención a la dimensión espacial de los textos. Sus principales líneas abarcan las genealogías literarias femeninas; las cartografías literarias; la literatura de viajes y las escrituras del yo. Es autora de la monografía *La città e la casa. Spazi urbani e domestici* in Maria Aurèlia Capmany, Natalia Ginzburg, Elsa Morante e Mercè Rodoreda (Edizioni Ca'). Entre sus publicaciones podemos destacar el artículo *Ad intra e ad extra: riposizionamenti spaziali nella letteratura del XX secolo prodotta da donne* (Scripta, 24, 2024) y *Quaestio escolàstica i quaestio lul·liana, analogies i diferències* (eHumanista/IVITRA, 11, 2017). Es traductora al italiano de *Paradisi oceanici* de Aurora Bertrana (Inschibboleth, 2020) y *La fragilità del mondo* de Joan-Carles Mèlich (Il Saggiatore, 2025).

Mundos em devir: apontamentos sobre eco-ansiedade e ficção climática distópica

Fátima Outeirinho

(Univ. Porto/ ILC)

As alterações climáticas, a degradação dos ecossistemas, a perda de biodiversidade, a diminuição dos recursos hídricos ou a fragilização das áreas florestais constituem uma realidade global que caracteriza o contexto ambiental atual, com repercussões que hoje sabemos existirem não só na saúde do ecossistema, mas também na saúde mental. Embora a atenção dada à harmonia com a natureza ou as preocupações relativas ao impacto negativo da ação humana sobre a natureza remontem a vários séculos, foi na década de 70 do século passado que a dinâmica organizacional do ativismo em prol da proteção do ambiente tomou forma duradoura, conduzindo a uma tomada de consciência da ameaça que paira sobre a vida na Terra. No domínio da investigação, este cenário será também objeto de atenção. Torna-se necessário identificar e definir os novos fenómenos que afetam pessoas ou grupos populacionais face à crise ambiental que vivemos. Neste contexto, em 1996, Véronique Lapaige propõe o conceito de *eco-ansiedade* e, alguns anos mais tarde, em 2005, Glenn Albrecht, perante a magnitude dos impactos ambientais em curso e apercebendo-se da relação entre o sofrimento do ecossistema e o sofrimento humano, avança com o conceito de *solastalgia*. A criação literária acolhe estas questões, nomeadamente pela criação de mundos outros, com frequência distópicos, aos que um género como o da ficção climática ajuda a dar corpo. Ora, tomando como base de análise dois textos publicados no século XXI, *Le dernier soulèvement* de Sébastien Garnier (2023) e *Admirável mundo verde* de Filipa Fonseca Silva (2024), procuraremos explorar as problemáticas acima identificadas.

*

Maria de Fátima Outeirinho é Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde leciona nas áreas dos Estudos Franceses, da Didática de Línguas e da Literatura Comparada, tendo-se doutorado precisamente nesta última área de conhecimento. Entre 2019 e 2021, coordenou o grupo Inter/transculturalidades no quadro do projeto *Literatura e fronteiras do conhecimento: políticas de inclusão* do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. É, desde 2022, coordenadora científica desta unidade de investigação. As suas áreas de investigação incidem, de modo particular, sobre Literatura Comparada, Literatura de Viagens, Literatura e Cultura Francesas, Relações Culturais Luso-francesas, Estudos sobre as Mulheres e Didática de Línguas, tendo diversos estudos publicados em Portugal e no estrangeiro.

Narrative Agency and the Ethics of Storytelling in Iraq War and post-2003 Iraqi short stories

Fatima-Zohra Kettaf

(INALCO, Paris)

Comparative literature endures because it fosters mindfulness and attentiveness to the Other; through the production and circulation of narratives, it cultivates transnational empathy and strengthens narrative agency. Iraq War fiction (e.g., Phil Klay's *Redeployment*) and Post-2003 Iraqi fiction (e.g., Hassan Blasim's *The Madman of Freedom Square*) have contributed to feeding US and Iraq war cultures with narratives that have the capacity of building intersubjective spaces. Comparative literature inherently produces narratives which expand our "being in the world as a process of orienting ourselves to our possibilities". Such narratives equip us with models of sense-making but can also perpetuate power structures. Meretoja's narrative agency is the "ability to navigate our narrative environments: to use, (re)interpret, and engage with narratives that are culturally available to us, to analyse and challenge them, and to practice agential choice over which narratives we use and how we narrate our lives, relationships, and the world around us". Narrative agency is three-dimensional; it consists of narrative awareness (how our cultural narrative models affect the readers' lives and how stories can be told from a multiplicity of perspectives); narrative imagination (the ability to imagine beyond what is thought to be possible in the present) and narrative dialogicality (how we become who we are in relation to other agents in the world). The works of Blasim and Klay provide an opportunity to expand narrative agency as they engage their readers with singular stories and experiences (of Iraqi civilians and American veterans). They contribute to building "new narrative in-betweens, intersubjective spaces that make possible new relationships and communities". While the stories reveal the horror of war, the suffering of Iraqi civilians, and the guilt and

ambivalence experienced by American soldiers, their narrators themselves struggle to tell them, questioning the ethics of storytelling. For instance, Hassan Blasim's narrators, akin to Sherazad in *One Thousand and One Nights*, tell their stories to survive while Klay's (veterans of the 2003 American invasion of Iraq) tell their stories to bridge the gap between veterans and civilians, trying to narrate their lives and make sense of them. On the one hand, Blasim's narratives unsettle the reader as they implicate them in violent imagination, whilst they expand their narrative awareness and relationality. On the other hand, Klay's narrators struggle to tell their stories, but the multi-perspective from which the stories are told and the shift from the narrating 'I' to a second-person addressee enhances the reader's awareness even if Klay has been criticised for not including Iraqi civilians' perspectives. Moreover, both Klay's and Blasim's short stories challenge the narrative unconscious and engage their readers into a reflective act of reading. For instance, the former contest the veteran's PTSD model of suffering, whereas the latter expose the limits of empathy as an appropriate readerly response.

*

Fatima-Zohra Kettaf is a PhD student at Inalco (Paris). Her research, entitled "American, Arab-American, and Arabic Contemporary Trauma Fiction: A Literary Comparative Study Through an Investigation of Identities and Otherness in the Aftermath of 9/11 and the War on Terror", is situated at the intersection of contemporary literature, narrative ethics and cultural memory. She previously lectured in computer science at the University of Toulouse Capitole for 16 years, before reorienting her career towards languages and literatures. She is currently working as a learning mentor and tutor in secondary schools in England.

Entre o cuidado e a violência: limites éticos em *Beloved*, de Toni Morrison, e *The Vegetarian*, de Han Kang

Fernando Gomes

(Univ. Évora/ CEL)

Esta comunicação analisa os limites da ética do cuidado a partir de duas obras literárias: *Beloved*, de Toni Morrison, e *The Vegetarian*, de Han Kang. Partindo das propostas de Carol Gilligan em *In a Different Voice* (1982), de Nel Noddings em *Caring: A Feminine Approach to Ethics and Moral Education* (1984) e de Joan Tronto em *Moral Boundaries: A Political Argument for an Ethic of Care* (1993), argumenta-se que o cuidado não é intrinsecamente ético, podendo ser distorcido por contextos de trauma ou por dinâmicas de poder. Em *Beloved*, o cuidado materno surge como resposta extrema à violência da escravidão, conduzindo a um excesso que anula a autonomia do outro. Em *The Vegetarian*, pelo contrário, o cuidado manifesta-se como imposição normativa, funcionando como mecanismo de controlo e normalização do corpo e da subjetividade. A análise comparativa revela, assim, dois modos de falha do cuidado — por excesso e por imposição — demonstrando que a relação, por si só, não garante uma prática ética. Conclui-se que o cuidado exige um equilíbrio entre responsabilidade e reconhecimento da alteridade; quando esse equilíbrio falha, pode tornar-se uma forma de violência.

*

Fernando Gomes é docente no Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora onde leciona Língua francesa e Literatura comparada. É investigador integrado do “Centro de Estudos em Letras” (CEL) da UTAD / Universidade de Évora. Suas recentes publicações na área da literatura incluem: *Insólitas afinidades: Alteridade em Albert Camus e Paul Bowles*. Chamusca: Cosmos. «L’homme face

au fléau - Actualité de La Peste d'Albert Camus » in *Dedalus*, Revista Portuguesa de Literatura Comparada. "The City of Algiers in Yasmina Khadra's Detective Fiction", In: *Mediterranean Studies*, Pennsylvania State University Press.

Invisible Cities by Italo Calvino: a certain art of memory, a certain art of caring

Filomena Vasconcelos

(Univ. Porto)

In *Invisible Cities* by Italo Calvino, the theme of care appears through the attentive portrayal of fragile and mostly imaginary urban spaces where memory appears exquisitely preserved in the reflective dialogue between Marco Polo and Kublai Khan. In a well-wrought “parody” of the original 13th century wonderful travels of Marco Polo (*Il Milione*), and re-enacting Dante’s path in *Inferno*, Polo’s descriptions of those cities focus on small details, shifting perspectives, and delicate structures, suggesting that cities—and the experiences they contain—survive only through careful observation and remembrance. Storytelling becomes thus an act of caring for places that might otherwise disappear, narrative and imagination being therefore their privileged ground. From the perspective of comparative literature, this approach resonates with the literary exploration of memory and perception found in authors such as Marcel Proust and Jorge Luis Borges, whose works similarly reflect on how narrative reconstructs and safeguards fragile worlds. The connection with Proust emerges through the importance of memory and the act of recollection. Both Proust’s *In Search of Lost Time*, where memory reconstructs the past through subjective experience, and the *Invisible Cities*, as described by Polo, display a similar narrative method: memory transforms reality rather than simply reproducing it. Calvino’s cities function simultaneously as Borgesian intellectual labyrinths and Proustian spaces of memory, placing *Invisible Cities* within a broader literary tradition that explores how storytelling is a form of care for time, memory, and human perception, preserving and protecting fragile worlds from disappearance.

★

Filomena Vasconcelos, PhD, is an Associate Professor at the University of Porto, Faculdade de Letras, Dept. of Anglo-American Studies. Lecturing/ research areas: English Literature,

literary theory, comparative literature. Main publications (books) - Critical essays: *Imagens de Coerência Precária* (2004), *Considerações Incertas*. (2009). Literary translations: *William Shakespeare: Ricardo II*. (2002); *O Conto de Inverno* (2006); *Romeu e Julieta* (2013). Novels: *Peter Pan*. J. Barrie (2019); *As Aventuras de Huckleberry Finn*. Mark Twain (2019); *Histórias de Dom Quixote*. Cervantes (adpt. John Lang) (2020); *O Monte dos Vendavais*. Emily Bronte (2022).

A Esperança: o dealbar da imprensa e o colonialismo de gênero em Cabo Verde

Helder Thiago Maia

(Univ. Lisboa/ CECComp)

Nesta comunicação, analiso a pedagogia de gênero da revista cabo-verdiana *A Esperança: revista colonial, popular, encyclopédica* (1901). Para isso, examino os diferentes discursos estéticos e científico-filosóficos e como estes operam na produção e difusão do “sistema moderno/colonial de sexo-gênero” (Lugones, 2008). Argumento que a revista era um dispositivo pedagógico colonial que, ao articular religião, ciência (higienismo e positivismo) e literatura (romântica e sacra), buscava fomentar uma ordem de gênero patriarcal e cis+heteronormativa. Longe de ser apenas um meio de circulação literária, a revista foi um dispositivo de gênero de produção de normatividades, apresentadas como naturais, religiosas, morais e cientificamente legitimadas.

*

Helder Thiago Maia é Investigador no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto 2022.00903.CEECIND. É professor colaborador do PPG de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade de São Paulo, e editor das revistas *Periódicus* (UFBA) e *Via Atlântica* (USP).

Caring for the Morally Wounded: the Catastrophes of Oedipus, Job, and Pi

Holly Skillman

(Univ. of Evansville)

James Lerner

(Marian University)

Moral injury—psychological wounding from violations of deeply held moral beliefs—has emerged as a critical framework in trauma psychology, yet its theoretical development has been largely shaped by clinical work in combat contexts. This interdisciplinary analysis examines three foundational narratives of suffering spanning more than 2,400 years: Sophocles’s *Oedipus Rex* (c. 429 BCE), the Book of Job (c. 6th–4th century BCE), and Yann Martel’s *Life of Pi* (2001). This paper demonstrates that moral injury represents a transhistorical psychological phenomenon that literature has been documenting for millennia, offering insights that contemporary psychology is only beginning to formalize. Through comparative close reading that brings moral injury theory, cognitive dissonance, and narrative identity frameworks into dialogue with these texts, this analysis reveals that each protagonist experiences profound moral wounding: Oedipus’s unknowing violations of sacred taboos, Job’s undeserved suffering that shatters covenant theology, and Pi’s survival-necessitated violence that contradicts his vegetarian, multi-religious identity. Crucially, each text reveals culture-specific responses—Greek tragic acceptance, Hebrew theological protest, and postmodern narrative multiplicity—that expand psychology’s understanding of moral injury beyond Western military contexts. This comparative approach yields three contributions: (1) moral injury’s universality across cultures and historical periods, (2) the centrality of narrative construction in moral injury recovery, and (3) culture-specific “moral repair strategies” that clinical psychology has yet to systematically

study. By examining how these archetypal narratives theorize ethical catastrophe, this paper demonstrates literature's capacity to advance psychological understanding while enriching literary interpretation through contemporary trauma frameworks. This comparative method itself enacts a form of care—attending rigorously to how cultures across time have theorized moral wounding and the possibility of repair.

*

Holly Skillman

James Larner

O cuidado e a sua ausência como traço caracterizador do Alentejo em Manuel da Fonseca e Fernando Namora: *Seara de Vento* e narrativas escolhidas de *Retalhos da Vida de um Médico*

Hugo Estêvão

(Univ. Évora/ CEL)

A presente comunicação pretende estabelecer um diálogo entre o romance *Seara de Vento* de Manuel da Fonseca e narrativas selecionadas da obra *Retalhos da Vida de um Médico* de Fernando Namora. Privilegia-se uma perspetiva comparatista, analisando-se primeiro, à luz da imagologia literária, a construção da imagem literária do cuidado e da sua ausência no *corpus* de estudo. Seguir-se-á uma discussão e interpretação dessa imagem enquanto traço caracterizador do Alentejo, debatendo-se pontos de convergência e/ou afastamento entre os dois autores, à luz do contexto de produção das obras em apreço. Saliente-se que Namora e Fonseca se cruzam no tempo e, considerando a sua experiência no Alentejo e sobre o Alentejo, no espaço geográfico. O cuidar do outro, como sabemos, exige generosidade, atenção e capacidade de escuta. Até que ponto é possível esse cuidado numa região alienada, carente economicamente e dominada pela injustiça?

*

Hugo Estêvão é licenciado em Ensino de Português e Francês pela Universidade de Évora e mestre em Estudos Portugueses Multidisciplinares pela Universidade Aberta, na especialidade de Literatura, com a dissertação “Imagens Literárias do Alentejo em

Manuel da Fonseca: *Planície, Aldeia Nova e Seara de Vento*". Atualmente, frequenta o curso de Doutoramento em Literatura, na Universidade de Évora, estando na fase de redação da tese, que incide no estudo das imagens literárias do Alentejo em quatro autores alentejanos, numa abordagem dialogante entre Literatura e Cultura e sob a perspetiva da imagologia literária. Participou na obra *Fialho de Almeida e a Literatura Comparada Leituras Cruzadas*, da autoria de Odete Jubilado e Sandra Braz, com o artigo "Os Pobres" de Fialho de Almeida e "Campaniça" de Manuel da Fonseca: a imagem literária do Alentejo como lugar de encontro entre escritores"; realizou a comunicação "O 25 de Abril em Imagens literárias: "Cadeira" de José Saramago e "Alforra" de Antunes da Silva" no Colóquio Internacional "A Literatura Comparada e o 25 de Abril", na Universidade de Évora, e mais recentemente deu uma palestra a alunos do Ensino Secundário, no Agrupamento de Escolas N.º1 de Santo André, intitulada: "Ler Manuel da Fonseca Hoje".

Edgar Allan Poe e a poética da mulher morta: heranças e reconfigurações contemporâneas

Inês Guilherme de Castro

(Univ. Minho)

Segundo Edgar Allan Poe (1907), “a morte de uma mulher bonita é, inquestionavelmente, o tópico mais poético do mundo”. Esta formulação condensa e legitima uma tradição cultural persistente, hoje amplamente disseminada na cultura popular contemporânea, não obstante o sexismo subjacente a esta conceção estética da morte da mulher. A idealização do corpo feminino morto como objeto artístico revela uma lógica de género que associa a mulher à passividade, à pureza, à modéstia (Mulvey, 1975; Bronfen, 1992), e, perversamente, à mortalidade prematura como o seu provável destino. A presente comunicação propõe-se analisar criticamente esta herança cultural a partir de dois objetos de estudo: por um lado, a representação da morte de Elizabeth Siddal no videoclipe *Where the Wild Roses Grow* (1996), de Nick Cave and The Bad Seeds e Kylie Minogue; por outro, o filme *Pedro e Inês* (2018), de António Ferreira, centrado na figura icónica de Inês de Castro. Através da desconstrução das estéticas mobilizadas em ambas as abordagens, pretende-se evidenciar de que modo o ideal da beleza trágica continua a reinscrever, no hodierno, a matriz conceptual formulada por Poe. Em contraponto, será igualmente considerado o contributo da crítica feminista para a denúncia e subversão destes paradigmas, nomeadamente através do videopoema *Villanelle for Elizabeth, not Ophelia* (2021), de Sarah Tremlett, que propõe uma reconfiguração das narrativas tradicionais sobre a morte feminina.

*

Inês de Castro é doutoranda no Programa Doutoral em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Culturas da Universidade do Minho. Foi distinguida com o Prémio de Iniciação à Investigação Científica (2023) e com o Prémio Caixa Geral de Depósitos

nos anos lectivos de 2021/2022, 2022/2023 e 2023/2024. É autora dos artigos "Frida Kahlo como agente de afirmação cultural mexicana" e "Entre o mito e o silenciamento: a estetização do feminino trágico em Elizabeth Siddal" (submetido). Os seus interesses de investigação centram-se na literatura comparada, nos estudos interartes e nos estudos feministas.

O cuidado com o exame das fontes no âmbito da escrita biográfica: a propósito de duas representações iconográficas de Luís Vaz de Camões

Isabel Rio Novo

(Univ. Maia/ CLEPUL)

Sendo as fontes para a biografia de Luís Vaz de Camões reconhecidamente escassas, não pode o seu biógrafo prescindir do exame cuidadoso das espécies iconográficas, alegadamente produzidas no século 16, que o representam. Delas constam o dito “Retrato de Camões no Tronco de Goa», revelado por Maria Antonieta Soares de Azevedo em 1972, bem como a dita “Miniatura de Rio Maior”, pertencente à coleção dos marqueses de Rio Maior, considerada um retrato póstumo realizado a partir das indicações de um grupo de marinheiros que conheceram Camões no Oriente. Ambas as peças foram recentemente examinadas pelo Laboratório Hércules, da Universidade de Évora, que as submeteu a um conjunto de análises de área (fotografia com radiação ultra-violeta e reflectografia de Infravermelhos, de caracterização elementar e de imagem molecular). Os resultados desses exames não apenas trouxeram um acréscimo de informação biográfica sobre Luís de Camões, como constituem um aviso sobre o cuidado a ter na avaliação e interpretação das fontes iconográficas e ainda um testemunho sobre o modo como a investigação em literatura pode, e deve, apoiar-se em diferentes áreas científicas.

*

Isabel Rio Novo nasceu no Porto, onde fez mestrado em História da Cultura Portuguesa – Época Moderna e doutorou-se em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras

do Porto. É docente universitária de História da Arte, Escrita Criativa e outras disciplinas nas áreas da história, da literatura e dos estudos interartes, sendo autora de várias publicações académicas nesses domínios. Enquanto ficcionista, é autora, entre outras obras, dos romances *Rio do Esquecimento* (2016, finalista do Prémio LeYa e semifinalista do Prémio Oceanos), *A Febre das Almas Sensíveis* (2018, finalista do Prémio LeYa), *Rua de Paris em Dia de Chuva* (2020, finalista do Prémio Europeu de Literatura e do Prémio de Narrativa do PEN Clube), *Madalena* (2022, Prémio Literário João Gaspar Simões) e *A Matéria das Estrelas* (2025, Prémio Literário Cidade de Almada). Em 2019, publicou *O Poço e a Estrada*, biografia de Agustina Bessa-Lúis, e, em 2024, *Fortuna, Caso, Tempo e Sorte*, biografia de Luís Vaz de Camões.

Escrita como performance: agentividade queer no espaço pós-ditatorial português e brasileiro

Jean Carlos Colombo

(Univ. Minho)

Esta investigação propõe uma leitura comparatista das modalidades de agentividade *queer* em manifestações literárias nos contextos brasileiro e português, após os períodos ditatoriais de ambos os países, ou seja, nas últimas décadas do século XX. Analisa-se a obra *Lunário*, do autor português Al Berto, em diálogo comparativista com o livro *Morangos Mofados*, do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu. Toma-se o conceito de performance num sentido específico, como persona, ou pose de autor, que veste uma personagem através do discurso poético. Pretende-se analisar como a escrita se constitui enquanto manifestação *queer*, estética e política nestes contextos pós-ditatoriais. Argumenta-se que a construção da persona literária nestas obras constitui uma forma de intervenção simbólica que contribui para a reconfiguração da presença do sujeito homossexual masculino no espaço público através de uma poética *queer* de dissidência. A investigação fundamenta-se teoricamente nos estudos *queer*, considerando os trabalhos de Judith Butler e Eve Kosofsky Sedgwick, assim como os investigadores portugueses António Fernando Cascais e Fernando Curopos, e os brasileiros João Silvério Trevisan e Mário César Lugarinho.

*

Jean Carlos Colombo é licenciado em Filosofia (Faerpi, 2017) e em Letras – Português/Inglês (Unisinos, 2024) e, atualmente, frequenta o Programa Doutoral em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Culturas da Universidade do Minho. A sua investigação tem por base os estudos comparatistas e intermediais, bem como os estudos *queer*. Jean Colombo é autor do artigo “Leituras antropofágicas: De Hans Staden ao Modernismo Brasileiro: opções decoloniais ou perpetuação do colonialismo?” sobre o Modernismo

brasileiro e a Antropofagia como prática de autoafirmação nacional brasileira, publicado na revista *Portuguese Cultural Studies* (Vol. 9, Edição 2, 2025). Além disso, encontra-se a contribuir com um capítulo sobre a dimensão *queer* do Harlem Renaissance para uma coletânea sobre a confluência entre a literatura de viagens e os estudos pós-coloniais, que será publicado pela Universidade do Minho.

Arqueologias do Futuro: Doença, cuidado e memória em *La mala costumbre* de Alana S. Portero e *Livro da Doença* de Djaimilia Pereira de Almeida

Joana Galhardas

(Univ. Évora)

Proponho a leitura de *Livro da Doença* (2024), de Djaimilia Pereira de Almeida, e *La mala costumbre* (2023), de Alana S. Portero, à luz do conceito de cuidado, entendido como chave ética e epistemológica de uma escrita contemporânea do corpo. O luto, ou a sua impossibilidade, e a disforia surgem nestes textos como a origem do gesto de escrita: o corpo torna-se espaço de inscrição da perda, onde vulnerabilidade e resistência se cruzam (Judith Butler). Nestes textos, a doença excede a experiência biológica ou medicalizada (Susan Sontag), tornando-se dispositivo crítico que questiona as fronteiras entre corpo, linguagem e história. Partindo de uma perspectiva comparatista, feminista e pós-humanista, analisam-se as formas como as autoras reinscrevem o corpo como arquivo sensível, lugar de resistência e reconfiguração identitária, onde a dor individual se entrelaça com a ferida colectiva, diluindo as fronteiras entre o eu e o mundo (Denise Ferreira da Silva). A memória, aqui concebida como contra-memória (Michel Foucault), emerge como gesto de escuta e reparação, revelando uma temporalidade afectiva e decolonial (Marianne Hirsch). O cuidado manifesta-se assim como horizonte ético (María Puig de la Bellacasa), gesto de atenção face à ausência, que procura reparar o irrecuperável, atravessando o humano, o social e o material (Sara Ahmed). Neste sentido, proponho uma ética do cuidado como via fecunda destas leituras, enquanto prática comparatista atenta, situada e relacional que, ao escavar o passado para imaginar

futuros possíveis, reinscreve a literatura como espaço de vulnerabilidade, resistência e criação de mundos alternativos (Rosi Braidotti).

★

Joana Galhardas é mestranda em Literatura, ramo de Estudos de Literatura Comparada, na Universidade de Évora, onde desenvolve uma dissertação em literaturas ibéricas comparadas a partir de perspectivas feministas e decoloniais. É licenciada em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e pós-graduada em Culturas Visuais Digitais pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. É bolsista de investigação no projecto InMap – “Memórias e Arquivos: Mapear o (In)tangível” (Universidade de Évora/FCT), dedicado a mapear as relações entre memória, arquivo e património imaterial. Os seus interesses de investigação incluem, literatura ibérica contemporânea, estudos da memória, arquivo e trauma, bem como as relações entre texto, imagem e política da memória, com particular atenção aos legados coloniais e às estéticas da resistência. É autora da recensão crítica “Jeannette A. Bastian – Archiving Cultures: Heritage, Community and the Making of Records and Memory”, publicada no n.º 20 da revista *MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares*, e do artigo “Olhar o passado imaginando o futuro: Genealogia, corpo e resistência nas Novas Cartas Portuguesas”, na revista *Limite* n.º 19.2 (no prelo).

Cuidar da Literatura e Cuidar do(s) Humano(s): A Literatura no Panorama da Cultura e da Universidade

Jorge Bastos da Silva

(Univ. Porto/ CETAPS)

Numa carta a seu filho, recomendava Lord Chesterfield em 1747: “Cuida, tanto quanto puderes, de ter por companhia aqueles que estão acima de ti”, para de seguida advertir: “Não te equivoques, julgando que, se falo naqueles que estão acima de ti, me refiro ao seu nascimento: isso é de menor consideração; mas quero dizer no que respeita ao seu mérito, e à luz a que os considera o mundo”. Aplicadas a um entendimento do literário e dos seus cânones, estas palavras servirão aqui de mote para uma reflexão acerca do lugar que, no vasto conspecto da cultura e na docência universitária, cabe ainda hoje preservar à literatura, e em especial à literatura datada de momentos históricos já um pouco afastados do nosso: um lugar assente no discernimento relativo ao modo como as obras maiores – monumentos dos seus circunstancialismos, instrumentos para o reconhecimento do humano – magnificam problemáticas de relevo na sua época e com significativa reverberação histórico-cultural, mobilizando faculdades intelectuais e afectivas do domínio da empatia. Neste plano, as obras que recaem no interior da esfera que nos habituámos a designar de “literatura” não se destacam significativamente das realizações de outras vertentes da “cultura” – dito de outro modo, os motivos que nos levam a ler um romance, e a estudá-lo e a incorporá-lo num programa universitário, não são necessariamente distintos daqueles que assistem à escolha, por exemplo, de um ensaio, nem o são dos efeitos procedentes da análise de um ensaio. Sob este ponto de vista, a presente comunicação argumentará em defesa do privilégio a dar a obras não-coevas, como sendo particularmente

produtivas de um desapego do imediato e uma abertura a perspectivas onde figuram “aqueles que estão acima de [nós]”.

★

Jorge Bastos da Silva tem como áreas principais de investigação a Literatura Inglesa (em especial o período entre a Restauração e o Romantismo), a História Intelectual (em especial os Estudos sobre a Utopia) e os Estudos de Tradução e Recepção. É autor e organizador de diversos livros, entre os quais os seguintes: *Faces of Revolution in British Culture: Politics, Language and Literature*, 2024; *Em Torno de Walter Scott. Problemáticas de Identidade*, 2021; *Anglolutofílias. Alguns Trânsitos Literários*, 2018; *English Literature and the Disciplines of Knowledge, Early Modern to Eighteenth Century: A Trade for Light*, 2017; *Tradução e Cultura Literária. Ensaio sobre a Presença de Autores Estrangeiros em Portugal*, 2014; *The Epistemology of Utopia: Rhetoric, Theory and Imagination*, 2013; *A Instituição da Literatura. Horizonte Teórico e Filosófico da Cultura Literária no Limiar da Modernidade*, 2010; *Shakespeare no Romantismo Português. Factos, Problemas, Interpretações*, 2005.

A literatura antijesuítica como fenómeno global de longa duração: uma perspectiva comparada.

José Eduardo Franco

(Univ. Aberta/ CEG)

Paula Carreira

(Univ. Aberta/ CEG)

O nosso estudo pretende definir e caracterizar a vasta e pluriforme produção de “literatura antijesuítica” em perspetiva comparada no contexto da emergência e proliferação da corrente antijesuítica que acompanha a Companhia de Jesus a nível internacional desde a sua génese, ao longo da sua história de implantação em Portugal e nos cinco continentes. Em Portugal, onde assistimos a uma prolixa produção e difusão de documentos de vários géneros contra os Jesuítas, destacaremos cinco obras emblemáticas elaboradas sob a égide do Marquês de Pombal. É de salientar que, mesmo depois da expulsão da Ordem em 1759 por D. José, os esforços de consolidação de uma narrativa incriminatória contra Jesuítas não cessaram, vindo a lume obras de referência que passaram a legitimar medidas legislativas estruturais em diferentes setores da sociedade, como foi o caso da reforma dos sistemas de vigilância (censura e inquisição) e dos estudos académicos (com destaque para a Universidade de Coimbra). A construção de um mito negro dos Jesuítas acabou por resultar numa espécie de contaminação que implicou a desconsideração e mesmo esquecimento de personalidades relevantes da cultura ocidental, como é o caso exemplar de Aristóteles, tido como figura arquetípica e inspiradora do ensino dos Inacianos. Estes textos paradigmáticos da doutrina antijesuítica serão apresentados sucintamente e classificados como catecismos antijesuíticos pombalinos pela influência modelar que

tiveram na cristalização de uma avaliação negativa da natureza e do impacto demolidor da Companhia de Jesus em Portugal e no estrangeiro, com consequências relevantes não apenas para a história da própria Ordem, mas também para toda uma tradição simbólica e hiperbolicamente associada aos membros da Companhia.

★

José Eduardo Franco é investigador-coordenador com equiparação a Professor Catedrático da Universidade Aberta, Diretor do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta, Titular da Cátedra UNESCO/CIPSH de Estudos Globais e membro da Academia Portuguesa da História. Tem sido professor-visitador da Université Paris-Panthéon-Assas e da Universidade Federal de Sergipe. Coordena o programa de doutoramento em Estudos Globais na Universidade Aberta. Entre os projetos em que tem participado, salientam-se a direção das Histórias Globais, em curso; codiretor, com Fabrice d’Almeida, do *Dictionnaire Essentiel d’Études Globales* (Globalogie); diretor, com P. Calafate, do projeto *Vieira Global*, que promoveu a publicação da obra completa de Vieira em 30 volumes; co-diretor, com Carlos Fiolhais, do projeto de investigação e edição intitulado *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa*, que foi editado pelo Círculo de Leitores em 30 vols.; coordenador do projeto Culturas em Negativo, de que resultou a publicação de um *Dicionário dos Antis: A Cultura Portuguesa em Negativo*. Da sua vastíssima bibliografia destacam-se os estudos aprofundados sobre Vieira, os Jesuítas e o Marquês de Pombal. Como reconhecimento dos serviços prestados à cultura e à ciência, foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Cultural do Estado Português (2015); recebeu também o prémio Prémio José Mariano Gago de Divulgação Científica (2018) e é Doutor *Honoris Causa*, pela Universidade de Paris – Panthéon-Assas (2025).

Paula Carreira é doutorada em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com tese sobre a receção de Aristóteles do século XVIII em Portugal, publicada com o título *Marquês de Pombal e Aristóteles: História de uma má relação* (Edições Afrontamento, 2025). Tem licenciatura e mestrado em Estudos Clássicos pela mesma faculdade, tendo a sua dissertação de mestrado sido publicada com o título *As Argonáuticas de Apolónio de Rodes: A Arquitectura de um Poema Helenístico* (2014, Esfera do Caos). É investigadora contratada do LE@D-UAb e colaboradora do CEG-UAb, onde desenvolve o seu projeto de investigação “ClassiLightenment – Analysing the

debate between ancients and moderns: the reception of the Classics in the Pombaline period" (2023.09270.CEECIND/CP2911/CT0001). Foi bolsista de doutoramento da FCT e de investigação de vários projetos financiados, nomeadamente *Pombalia: Para a construção de um corpus pombalino, parte I – Os Escritos Historiográficos Pombalinos* (2019-2022) e *Dicionário Histórico das Ordens e Congregações em Portugal e nos Países Lusófonos* (2007-2010).

Consciência, Simulação e Juízo Estético: Para uma Crítica Hermenêutica da Leitura Algorítmica

José Eduardo Reis

(ILC)

Em *The AI Mirror, how to reclaim our humanity in an age of machine thinking*, a filósofa da ética da cultura tecnológica Shannon Vallor sustenta a tese que a inteligência artificial funciona como espelho das nossas disposições humanas, morais e epistêmicas. Partindo dessa sua tese, a nossa comunicação procura examinar como esse efeito de espelhamento problematiza o gesto comparatista de cuidar da literatura. Para o efeito, reproduzo uma interação prolongada que estabeleci com um sistema de inteligência artificial na leitura crítica de um poema original da minha autoria. O diálogo desenvolve-se entre uma abordagem modelada por padrões discursivos gerados por lógica estatística e a inquirição a que submeto essa abordagem decorrente da experiência situada da minha consciência retórica-literária. A interpretação algorítmica privilegia coerência formal operando segundo um regime de inferência probabilística. Em contraste, a minha intervenção autoral reinscreve o texto na sua dimensão existencial, articulando experiência e historicidade. Ao colocar em diálogo hermenêutica e automação, a minha comunicação sugere que a Literatura Comparada é convocada a repensar o estatuto da leitura como prática ética de atenção, responsabilidade e reconhecimento, num tempo em que a simulação discursiva pode facilmente ser confundida com compreensão.

*

José Eduardo Reis é professor associado aposentado da Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) onde lecionou na área dos estudos literários. É investigador do Instituto Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML) da Faculdade Letras da

Universidade do Porto (FLUP) onde tem prosseguido investigação comparatista com ênfase nos estudos literários e culturais sobre a utopia. É mestre em estudos literários comparados com uma tese sobre a influência de Schopenhauer na obra literária de Jorge Luis Borges e doutor em literatura comparada com uma dissertação sobre o espírito da utopia nas culturas literárias portuguesa e inglesa (FCG/FCT, 2007). É autor de vários artigos em revistas especializadas (30), ensaios e capítulos de livros (21), editor de duas utopias literárias portuguesas, *Irmânia* de Ângelo Jorge (2003) e *Redenção* de Amílcar de Sousa (2011), co-editor de *Nowhere, Somewhere* (2006), e de *Utopian Foodways: Critical Essays* (2019,) Co-organizador do n.36, *Utopia e alimentação*, dos *Cadernos de Literatura Comparada* (2017), do livro *Os Médicos de "O Vegetariano"* (2019). É membro do corpo editorial das revistas académicas *Letras Vivas*, *Nova Águia*, *Cultura entre Culturas* e *Atlante*. É membro do conselho consultivo internacional das *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa* e membro da *Comissão Internacional da História Global da Literatura Portuguesa* (HGLP). Peer-review das revistas académicas *Utopian Studies* (Penn State University Press), *Cadernos de Literatura Comparada* (FLUP), *Vista Panorâmica* (FLUP), *Revista da APEAA Op. Cit.* Em 2011 foi professor visitante do departamento de estudos românicos e germânicos da Universidade de Nova Deli (Índia).

Traduction et éthique du care: canon, paratexte et agentivité dans la circulation des littératures périphériques

Kheira Mouhouche

(Univ. Ahmed Ben Bella)

Fatima-Zohra Kettaf

(INALCO, Paris)

Dans le sillage de *Death of a Discipline* (Spivak), ce travail interroge la traduction comme lieu privilégié du renouveau comparatiste, non plus seulement comme technique de transfert, mais comme pratique située, traversée par des rapports de pouvoir, et aujourd'hui susceptible d'être repensée à partir d'une éthique du care. À la croisée des études postcoloniales et de la littérature comparée, la communication défend l'hypothèse suivante : « traduire avec soin » revient à mettre en crise les routines canoniques de la circulation littéraire (centre/périphérie) en assumant une responsabilité interprétative envers les voix minorées et les contextes qui les portent. À partir d'une lecture critique des notions d'hybridité (Bhabha), de créolisation (Glissant) et de polycentrisme (Chakrabarty), on montrera que la traduction - et surtout ses seuils (préfaces, notes, choix lexicaux, couvertures, classement éditorial)- peut reconduire l'assimilabilité de l'Autre ou, au contraire, produire une résistance par des stratégies de visibilité, de contextualisation et de maintien de l'opacité. La proposition articule ainsi comparatisme et care : comparer, c'est aussi répondre de ce que l'on fait au texte quand on le rend lisible ailleurs. En conclusion, on suggérera des critères opératoires pour une pratique traductive attentive et exigeante, capable de décoloniser les habitudes de lecture et de reconfigurer le canon par une circulation plus juste des œuvres.

*

Mouhouche Kheira Doctorante en traductologie à l'Université d'Oran 1 (Algérie), elle est titulaire d'un magister en traduction littéraire obtenu dans le même établissement. Ses intérêts de recherche portent en priorité sur la traduction postcoloniale et ses enjeux, ainsi que, plus largement, sur les études de traduction dans leurs dimensions théoriques et appliquées, et sur la traduction en contextes éducatifs et culturels. Elle a publié trois (03) articles scientifiques évalués par les pairs et compte deux (02) articles en cours de publication (2026). Elle a présenté huit (08) communications dans des colloques internationaux et dix (10) communications dans des rencontres scientifiques nationales. Elle prépare actuellement un ouvrage pédagogique consacré à la traduction. Ses travaux se concentrent sur l'analyse du discours, la traduction culturelle et les seuils textuels (paratexte), ainsi que sur le développement d'outils didactiques visant à renforcer les compétences linguistiques. Elle contribue à l'encadrement des étudiants et à la promotion de la recherche scientifique et de la coopération académique. Par ailleurs, elle s'intéresse aux liens entre traduction, transformation numérique et intelligence artificielle, et cherche à mettre en évidence le rôle de la traduction dans la préservation du patrimoine des savoirs.

Kettaf Fatima-Zohra Doctorante à l'Inalco (Paris). Sa thèse s'intitule: "American, Arab-American, and Arabic Contemporary Trauma Fiction: A Literary Comparative Study Through an Investigation of Identities and Otherness in the Aftermath of 9/11 and the War on Terror," et se situe au croisement de la littérature contemporaine, éthique narrative et mémoire culturelle. Elle a occupé, pendant 16 ans, la fonction de maître de conférences en informatique à l'université Toulouse Capitole avant de s'orienter vers les langues et littératures. Elle travaille actuellement comme enseignante dans un collège anglais.

Escritas mutuamente obrigadas: a proposição cosmopolítica e a(s) literatura(s) mais-que-humana(s)

Laila Algaves Nuñez

(UNL/ IFILNOVA)

Esta comunicação parte da premissa de que há um compromisso fundamentalmente especulativo — literário, por derivação — na prática da ecologia política e na comparação e redistribuição de poderes, valores e factos que esta supõe. Valendo-se sobretudo da proposição cosmopolítica de Isabelle Stengers (2007/2018), dos estudos de antropologia de Eduardo Viveiros de Castro (2024) e Alexandre Nodari (2015), e do caso exemplar de *Autobiografia de um polvo e outras narrativas de antecipação*, obra ficcional de Vinciane Despret (2021/2022), pensa-se a literatura como espaço de excelência para a experimentação metafísica e deslocação ontológica, necessárias à lenta e conflituosa composição do novo mundo comum. Se a cosmopolítica tem a obrigação de se desenvolver *em presença* daqueles que exclui (sempre apenas temporariamente) do coletivo — e se, no contexto contemporâneo dos Direitos da Natureza, isto significa, também, partilhar responsabilidades e decisões da arena pública com subjetividades não-humanas —, a literatura e a ficção podem tornar-se ferramentas de *presentificação* e diplomacia, um laboratório onde se ensaiam metamorfoses e enredos provisórios entre protagonistas com os seus próprios apegos e demandas divergentes. Em outras palavras, a literatura permite-nos engajar no especulativo enquanto nos treinamos a ver *fielmente* de um ponto de vista distinto (Haraway, 1988/1995), uma alegoria possível para versões feministas da objetividade e para a tarefa antropológica de levar a sério as vidas de outros (Viveiros de Castro, 2024) — com a observação que, a parafrasear o pensador brasileiro, levar a sério, levar à letra, tomar qualquer coisa *literalmente* é, de facto, um trabalho árduo, que exige grandes doses de competência simbólica.

*

Laila Algaves Nuñez. Composto eucariótico multicelular, multiespécies e multi-histórias — humana, por convenção taxonómica, na maior parte do tempo, quando também é investigadora, escritora e trabalhadora cultural. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Cinema (PUC-Rio), mestre em Estética e Estudos Artísticos (NOVA FCSH) — com a dissertação “Intimidade sem proximidade: percursos do toque e do desejo a partir de Emmanuel Levinas e Donna J. Haraway” — e doutoranda em Estudos Artísticos - Arte e Mediação (NOVA FCSH) com bolsa FCT. Desenvolvida sob a orientação de Bartholomew Ryan e Erik Bordeleau (IFILNOVA), a sua investigação atual move-se pelo campo da ecocrítica material feminista, cogitando a importância da ficção na salvaguarda dos Direitos da Natureza. Neste contexto, publicou “Literaturas mais-que-humanas: para escrever (n)o Antropoceno” na 40. INTERACT - Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia (Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, ICNOVA), e o artigo “New protagonists for the Anthropocene: on speculative thinking and more-than-human literature(s)” no livro digital *Response(ability)*, a ser lançado em 2026 pelo CITAR – Research Centre For Science and Technology of the Arts / UCP Press. Colabora, ainda, com a revista Umbigo e com Ritó Natálio na organização da rede Terra Batida, onde propõe e participa de pesquisas que percorrem as interseções entre palavra, performance, imaginação e ativismo ecológico.

Ecossistemas da colonialidade: *Tempo di uccidere*, de Ennio Flaiano, e *Terra morta*, de Castro Soromenho

Luca Fazzini

(Univ. Lisboa/ CECComp)

A presente comunicação propõe uma análise, de carácter comparativo, dos romances *Tempo di uccidere* (1947), de Ennio Flaiano, e *Terra morta* (1961), de Castro Soromenho, considerados ambos como exemplos *sui generis* de Literatura Colonial, italiana e portuguesa. No entanto, o gesto comparativo não visa apenas aproximar duas tradições nacionais distintas, mas pretende evidenciar as condições epistémicas que organizaram a própria construção colonial do território africano enquanto paisagem racializada e, por natureza, hostil. A análise centrar-se-á nos dispositivos narrativos que fazem do espaço geográfico e social ora uma superfície de projeção do poder imperial, ora uma figura hostil e/ou decadente, dinamizadora da narrativa. Em ambos os romances, o espaço africano não surge como cenário neutro, mas como operador estrutural e matriz da alteridade, configurando uma geografia da perda e da degeneração que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva. Ao privilegiar o confronto entre estas duas obras, a comunicação considera o comparativismo como prática crítica transnacional, e a colonialidade enquanto categoria transversal, que habita o olhar eurocêntrico sobre África. Um exercício que, ao cruzar distintos arquivos coloniais, torna legíveis as persistências e fraturas da gramática do(s) império(s), interrogando convergências e divergências nos processos de naturalização estética e política do domínio.

★

Luca Fazzini é Investigador FCT no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CEComp/FLUL), onde também é Subdirector

do Doutorado em Português como Língua Estrangeira/Língua Segunda (PLE/PL2). É doutor (2019) em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e autor de *Versões do Horror: Guerra e Testemunho no Romance Português e Italiano Contemporâneo* (2019), *Cidades do Atlântico. Literatura, Biopoder e Colonialidade* (2025), e de outros ensaios e artigos científicos na área das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa Contemporânea, Estudos Comparatistas e Pós-coloniais. É membro do Projeto A Literatura Colonial Portuguesa: Além da Memória do Império.

M. Cavendish e outros diálogos: entre o cuidado da ciência e o cuidado da literatura

Manuel João Monte

(Univ. Porto/ CIQUP)

A “narrativa científica” pode ser entendida como uma forma híbrida, estético-retórica, que articula ficção e argumentação, operando como mnemónica ou como dispositivo de mediação entre o discurso científico e a circulação alargada do saber. Mais do que simplificar conteúdos técnicos, esta prática reconfigura o próprio modo de produção e circulação do saber, aproximando rigor e imaginação. Tendo raízes profundas na Antiguidade Clássica (desde logo em Empédocles, e depois em Lucrecio), tomando nomes muito variados (diálogos filosóficos, poema didático, género farmacêutico, utopia, ficção científica...), o género vai-se mantendo ao longo da História da Literatura até aos nossos dias. Nos séculos XVII-XVIII, porém, ele atinge uma relevância crítica determinante para a discussão do que une a Literatura e a Ciência. A obra de uma mulher escritora, Margaret Lucas Cavendish (1623-1673), autora de textos como *The Description of a New World, Called the Blazing World* (1666), mobiliza com ousada originalidade, a discussão sobre as fronteiras do texto literário e os seus potenciais cruzamentos com outras formas de expressão capazes de contestar, integrar e renovar. Ainda muito pouco (re)conhecidas nos nossos estudos comparatistas, as reflexões filosóficas de Margaret sobre os mundos comuns e a emergência de outros mundos são hoje um estimulante pretexto para repensar os cuidados da Literatura Comparada com o “humano” e a Humanidade.

*

Manuel João Monte é professor jubilado convidado da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP) e investigador integrado do CIQUP – Centro de Investigação em Química da Universidade do Porto, no âmbito do Institute for Molecular

Sciences. Publicou mais de uma centena de artigos em revistas científicas internacionais com avaliação por pares, sobretudo na área da termodinâmica molecular. Integra o Conselho Editorial da U. Porto Press e das revistas *Molecules* (MDPI) e *The Journal of Chemical Thermodynamics* (Elsevier). Desenvolveu também atividade na interseção entre ciência e literatura, tendo traduzido para português, a partir dos manuscritos originais, as peças de “Ciência no Teatro” *Oxigénio* (2005), de Carl Djerassi e Roald Hoffmann, e *Falácia* (2011), de Carl Djerassi. É autor de quatro livros, escritos em estilo dialógico e publicados pela U. Porto Press: *O Bairro da Tabela Periódica* (1.^a edição, 2019; 2.^a edição, 2022; distinguido com o Prémio José Mariano Gago da SPA), *Arsenicum* (2020), *Que Coisa é o Mundo* (2021, em coautoria com Sofia Miguens) e *Phosphorus – Entre Vénus e Lúcifer* (2023).

Agustina Bessa- Luís: sob o signo do 'cuidado' e a tessitura do texto literário

Manuela Martins

(UCP)

Na obra literária de Agustina está patente uma liminar preocupação por delinear as suas personagens segundo a sua realidade mais palpável, mas também, segundo uma força 'construtiva' que a escritora imprime nelas. As suas personagens modelam o real e são, a maior parte das vezes, a experiência da escritora face ao mundo que a rodeia. Há por assim dizer na escrita de Agustina um 'vai e vem' que transita da escritora à escrita e da escrita à escritora. A noção de 'cuidado' tem sido amplamente aplicada em várias áreas do saber, como uma espécie de amplificação do 'topos' inicial heideggeriano. Porém, filósofo alemão não foi o primeiro a instituir o 'cuidado' nas instâncias da cultura hodierna, ao recapitular este 'cuidado' na ambiência dos poetas germânicos, como Goethe e Herder. De facto, o 'cuidado' (cura, meleia ou ainda epimeleia –Sorge) acontece na fábula, que o poeta e mitógrafo Julius Gaius Higynus recria no seu poema. Porém, também por caminhos bem sinuosos o 'cuidado' pode retroceder até ao helenismo clássico poético-filosófico. O objetivo da nossa comunicação visa explorar o trânsito constitutivo que passa do 'cuidado' da escrita ao cuidado 'próprio' da escritora, através da recuperação de elementos literários neoclássicos, amplificados, que estão na proximidade deste 'cuidado', entendido como instância da escrita e da ficção, que se expandem na 'ação' e na vida da obra de Agustina. Para isso, iremos proceder a uma seleção de alguns dos seus romances para desenvolver a ideia de cuidado em chave de leitura ético-literária e terapêutica.

*

Maria Manuela Brito Martins doutorou-se em Philosophie et Lettres pela Université Catholique de Louvain-la-Neuve, no Institut Supérieur de Philosophie (Bélgica), em

junho de 1998. Desde 2008 é professora Associada na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa - Porto - onde leciona diversas disciplinas na área da filosofia. A sua produção científica centra-se, sobretudo, na filosofia antiga e tardo-antiga, na filosofia Medieval e metafísica; tem efetuado também alguns estudos na relação entre a filosofia e a literatura. Por entres as suas publicações mais recentes a nível nacional e internacional destacam-se: "Quel subietum pour la métaphysique? La distinction entre sujet (subiectum) et object (obiectum) dans le débat scotiste", Noesis (Jean Duns Scot. L'oubli de l'être), n. 42, 2024, 13-36 ; "Le vocabulaire de la mystique (raptus, excessus) dans le traité De gradibus et d'autres œuvres de Bernard", Studia Anselmiana, 2026 (no prelo); A ideia de contemplação na poesia lírica de António Molarinho (1860- 1890), (no prelo).

Intersectional Storytelling and Visual-Literary Practices in the Classroom

Márcia Oliveira

(CEHUM)

This paper proposes a pedagogical framework for integrating intersectional storytelling and visual-literary practices into Comparative Literature teaching, arguing that the discipline's impact can be augmented by expanding both its objects of study and its methodological toolkit. Drawing on a part of my current research, which examines how contemporary artists and writers use multimodal, hybrid forms to address intersecting marginalizations of gender, race, class, and sexuality, this presentation will focus on how these research insights can directly contribute to more classroom practices. Comparative Literature has long relied on the literary text as its primary object. Yet the visual-literary practices of many contemporary practitioners – artists' books, graphic narratives, documentary photography with text, video essays, and literary-visual installations – constructively challenge this disciplinary boundary. These hybrid forms demand new reading competencies: the ability to analyse narrative across media, to attend simultaneously to word and image, and to understand how materials and forms also produce meaning. They also foreground voices and experiences that canonical literary traditions do not take into consideration, making them particularly generative for teaching informed by intersectional feminist frameworks (Crenshaw, 1989; McCall, 2005). As a case study, I draw on the work of Cecilia Vicuña, the Chilean poet and visual artist whose practice spans experimental poetry, textile installation, and performance. Vicuña's work insistently weaves together indigenous knowledge, feminist critique, environmental thinking, and postcolonial memory, operating at the intersection of the verbal and the visual in ways that resist easy generic classification. Her artists' books and visual poems, where the materiality of thread, stain, and handwriting becomes part of the narrative, offer students an encounter with storytelling that is simultaneously aesthetically

challenging and politically urgent. Working with Vicuña in the classroom invites students to question which narratives count as literature and how form itself can be an act of resistance. Methodologically, I propose active and problem-based learning approaches: students are invited to analyse curatorial and editorial decisions in Vicuña's books, to develop their own multimodal narrative responses, and to engage with questions of translation, not only linguistic, but intermedial and cultural. This pedagogical approach aligns with the conference's thematic axis Comparative Literature in the renewal of research and teaching. In sum, by bringing research on visual-literary intersectional practices directly into the teaching space, this paper argues that Comparative Literature renews itself most powerfully when embracing the challenge of the hybrid, the marginal, and the multimodal, not as supplements to the canon, but as transformative reconfigurations of what literature, and its teaching, can be and can do.

*

Márcia Oliveira is a researcher and scholar whose work focuses in feminist art, comparative literature, and the intersection of word and image. She holds a PhD in Comparative Literature (Universidade do Minho, 2013), an MA in Aesthetics (Universidade Nova de Lisboa), and a BA in Journalism (Universidade de Coimbra). Currently an Assistant Researcher at the Centre for Humanistic Studies (CEHUM), Universidade do Minho, she is developing a FCT-funded (CEEC) project *Space Invaders: Reassessing 21st Century Women's Art and Spatial Practices through an Intersectional Approach*. Her previous postdoctoral research focused on feminist processes in 20th-century artists' books, and she co-led the FCT project *Women, Arts and Dictatorship* (Portugal, Brazil, and Portuguese-speaking Africa), with colleague Ana Gabriela Macedo (PI). She was a Visiting Scholar at Rutgers University (2016), where she conducted research at MoMA, the Guggenheim, and Princeton University. Her monograph *Arte e Feminismo em Portugal no Contexto Pós-Revolução* (Húmus, 2015) presented a reflection of the work of Portuguese women artists circa 1974; she also co-edited *Women, the Arts, and Dictatorship in the Portuguese-Speaking Context* (De Gruyter, 2024). Her peer-reviewed articles have appeared in *Woman's Art Journal*, *Bulletin of Hispanic Studies*, *Revista de Estudos Feministas*, and *Arts, among others*. She is Editor-in-Chief of the journal *Diacrítica*.

Cartografias do Cuidar: Soeur Philomène, dos irmãos Goncourt e a construção do hospital moderno.

Margarida Esperança Pina

(FCSH/ IELT)

Maria João de Almeida dos Santos

(NMS-UNL)

Propomos uma leitura interdisciplinar de *Soeur Philomène* (1861), dos irmãos Goncourt. O conceito de “Cartografias do cuidar” orienta o gesto crítico: mapear, na narrativa, espaços, ritmos e relações que organizam o cuidar no hospital, a circulação de “corpos” e discursos, as rotinas, hierarquias e decisões. O romance funciona, assim, como uma cartografia literária do cuidado enquanto prática situada, técnica e relacional, tornando visível o trabalho quotidiano do hospital. A abordagem articula dois níveis numa perspetiva comparativista. Procuraremos analisar, por um lado, de que forma o olhar literário traduz o ambiente hospitalar num século que dá prioridade à “medicina de observação” e que os irmãos Goncourt defendem. Por outro lado, tentaremos observar de que forma o olhar clínico permite definir as práticas do cuidar (presença, vigilância, conforto, alimentação, gestão do espaço e do tempo e relação, integrando no Cuidar, o Curar, o Tratar e o Paliar), evidenciando a dimensão ética, frequentemente invisibilizada, desse trabalho. A narrativa dramatiza a coexistência, por vezes cooperante, por vezes conflituosa, entre a lógica técnica da medicina e a lógica de continuidade do cuidado corporizada pela irmã Philomène, expondo fronteiras profissionais, autoridade e vulnerabilidade. Em paralelo, revela um impulso reformista (condições ambientais, materiais, dignidade no tratamento dos doentes e dos mortos), permitindo pensar a construção do hospital moderno como projeto ético e político. Defendemos, por fim,

que Soeur Philomène constitui um “arquivo literário” relevante para as Humanidades Médicas, ao iluminar dilemas atuais de humanização, justiça do cuidado e tensão entre técnica e compaixão.

*

Margarida Esperança Pina é Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa onde leciona nas áreas de Estudos Literários e Tradução. É também regente da unidade curricular opcional de Humanidades Médicas na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa e tem dado cursos breves no Advanced Education For the Future – Nova Medical School. Doutorada em Literatura Francesa (Universidade de Évora), é membro integrado do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição - IELT-NOVA-FCSH e colaboradora do Centro de Estudos Ingleses da Universidade de Lisboa – CEAUL/ULICES. As principais áreas de interesse centram-se na Literatura Francesa e outras artes (Literatura e Ciência / Humanidades Médicas / História da Alimentação). É membro da Associação Portuguesa de Literatura Comparada - APLC, da Associação Internacional de Literatura Comparada - AILC, da Asociación Hispanica de Literatura Medieval - AHLM, da Associação Portuguesa de Literatura Medieval - AHLM-SP e da Associação Portuguesa de Estudos Franceses - APEF. Publicações: *Humanidades Médicas - um diálogo com as ciências sociais e humanas* (ed). 2Cultura, *Revista de História e Teoria das Ideias*, 2026. *Diálogo e Ciência* (ed). *Limite. Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonia*, 2017. *Saber e Sabor Medieval*, Lisboa: Caleidoscópio, 2010.

Maria João de Almeida Santos é Professora Adjunta da Escola Superior de Saúde Atlântica e Professora Adjunta Convidada da Escola Superior de Enfermagem da Universidade de Lisboa, onde leciona nas áreas de Ética e Bioética e de Enfermagem, em Cuidados Paliativos, Saúde do Idoso, Saúde Infantil e Pediatria, no Curso de Licenciatura e nos Mestrados. Doutoranda em Ciências da Saúde (Nova Medical School), é Presidente da Comissão de Ética da ESSATLA, desde 2019 e Membro da Comissão de Ética Atlântica- Instituto Universitário (desde 2024). Integrou o Grupo de Reflexão Ética da Associação Portuguesa de Cuidados Paliativos (2018-2025) e foi Vice-Presidente do Conselho Jurisdicional da Ordem dos Enfermeiros e Presidente do Conselho Jurisdicional da Seção Regional do Sul no mandato 2012-2015. As suas

principais áreas de interesse são os cuidados paliativos, a bioética, as ciências da saúde e as humanidades médicas. Publicações: Sousa L, Tomás J, Severino S, Valido S, Santos MJ, José H. *Preventing falls in the aged: a challenge in patient safety. Salud, Ciencia y Tecnología.* 2024; 4:1000. doi:10.56294/saludcyt20241000. De Sousa C, Vinagre H, Viseu J, Ferreira J, José H, Rabiais I, et al. *Emotions and Coping: "What I Feel about It, Gives Me More Strategies to Deal with It?" Psych.* 2024;6(1):163-176. doi:10.3390/psych6010010

Gertrude Bell: cuidar memórias [no fio do tempo] – arqueologia literária e fotográfica na proximidade afetiva a outrem que sou eu.

Maria de Fátima Lambert

(IPP/ inED)

No Arquivo de Gertrude Bell, alocado na Newcastle University (disponibilizado online), confronta-se um corpus documental de natureza diversa — registos fotográficos e manuscritos — que concorre para uma elucidação aprofundada da pessoa-autora, cuja experiência se construiu na imersão em culturas georreferenciadas. Ao preservar especificidades arqueológicas, Bell absorveu igualmente testemunhos orais, sustentados pelo domínio de idiomas do Próximo e Médio Oriente - o conhecimento da língua e literatura persas, exemplifica-se na tradução dos poemas de Hafez. O presente estudo, que se vem desenvolvendo há 4 anos, foca-se no cruzamento das tipologias literárias que privilegiou — epistolografia, escrita diarística, estudos arqueológico/etnográficos e travelogue — com sua vasta produção fotográfica. Nas imagens, quanto na escrita, as pessoas habitam as paisagens; oscilam entre fusão e destaque; assumem-se presenças, nominadas por aquela que as reconheceu/cuidou. Em modo especular, a memória intemporal de quem lê/vê Bell, interpretá-la-á na relacionalidade cultural, patrimonial e afetiva: assim, remanescem causas autorais na diversidade georreferenciada. Este conjunto evidencia a articulação coerente entre experiência vivida e construção discursiva - verbal e visual, onde o privado se projeta progressivamente no domínio público. Ao verter nas cartas a Florence ou a Hugo Bell, as impressões mais genuínas, apercebe-se quanto ultrapassam a subjetividade e se lançam num mundo que sabia em mudança. A análise revela uma escrita simultaneamente intimista e ecfrástica, frequentemente produzida em condição de errância, na qual o olhar estrangeiro se

manifesta como dispositivo de mediação entre identidades. Ao longo de quase três décadas, Bell construiu um arquivo que, ao filtrar culturas e temporalidades, preserva comunidades, lugares e memórias, antecipando a sua vulnerabilidade histórica.

*

Maria de Fátima Lambert é Doutorada em Filosofia Moderna e Contemporânea/Estética (1998), Faculdade de Filosofia de Braga/Universidade Católica Portuguesa: Fundamentos Filosóficos da Estética em Almada Negreiros. Professora Coordenadora em Estética e Educação - Escola Superior de Educação/Politécnico do Porto. Bolseira FCT: Projeto “Writing and Seeing” - 2000/2004. Membro: AICA (Portugal); ICOM (Portugal); ENCATC; SEyTA (ES); ELIA. Curadora Independente, privilegiando programação com artistas brasileiros e portugueses. Keynote Speaker em eventos científicos e culturais; autora de livros, monografias e textos em revistas científicas: LAMBERT, Maria de Fátima. “Georreferências estéticas e crítico-decoloniais (do feminino) na obra de Yinka Shonibare”. Revista Todas as Artes (2024): <https://ojs.letras.up.pt/index.php/taa/index>; “Anne-Thérèse Marguenat de Courcelles, Mme De Lambert - o «gosto» de uma Salonière protofeminista”. Revista Portuguesa de Humanidades 27 1-2 (2023): http://dx.doi.org/10.17990/rph/2023_27_1_071; “What if relevant data concerning historic Brazilian heritage would not be accessible for those who do not master English language? A case study through the life case of Maria Graham”. Hypothesis Historia Periodical (2023): https://www.up.pt/casacomum/wp-content/uploads/sites/520/2023/01/HHP_2_9.pdf; “Foz e arredores - Escritos”, desenhos de Dora Wordsworth Quillinan: 1845-1846. Sensos e Vol. 25 2(2022): https://www.publicacoesfacil.pt/product.php?id_product=9055; “Bernardo Soares: The Never Accomplished Travel(s) - Writing and Seeing. Revista Portuguesa de Humanidades Vol. 25 1-2 (2021). https://doi.org/10.17990/RPH/2021_25_1_191; “To Draw Borders and the Aesthetic Mind: reviewing Europe with Almada Negreiros” (2020); “Eclectic journeys, permanencies and their writings: Maria Graham artist-author-traveller”. Midas 11 (2020): 1-21. <http://dx.doi.org/10.4000/midas.2222>

Dos que ficam e dos que partem: a I Guerra Mundial a várias vozes e ângulos

Maria de Lurdes Sampaio

(Univ. Porto/ ILC)

Nesta comunicação, debruçamo-nos sobre um dos raros livros de poesia em língua portuguesa, de autoria feminina, sobre/em torno da primeira guerra mundial. Em 1916, à data em que os *war poets* britânicos começavam a publicar e a eternizar na poesia a figura do soldado, vem a público o livro com o título algo equívoco *Cartas da Guerra: Viva a França!*, da autoria de Maria O'Neill. Ainda que a nota dominante seja a da celebração do heroísmo e do sacrifício dos soldados lusos, o recurso à forma epistolar e a uma multiplicidade de vozes – com espaço para a figura feminina - permite a dramatização de um leque diversificado e complexo de emoções e uma pintura quase expressionista do horror e da morte na frente de batalha.

*

Maria de Lurdes Sampaio é professora na Faculdade de Letras da Univ. Porto e investigadora do ILCML. Tem mestrado em Estudos Anglo-Americanos (UC) e Doutoramento em Literatura (UP). Áreas de investigação privilegiadas: Literaturas de Língua Portuguesa (séc. XIX-XXI); Estudos Pós-Coloniais; Estudos de Tradução e Cultura; Cânone vs Não Cânone; Literatura Policial/Criminal. Publicações selecionadas: 1) Livros: *Aventuras Literárias de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão* (2005), coautora (Patricia Baubeta e Margarida Vale de Gato), *The Anthology in Portugal: Literature, Translation and the Margins* (2014); com Marinela Freitas e José Eduardo Reis: *O Conhecimento das Árvores. Árvores do Conhecimento*, 2022; com Gonçalo Vilas-Boas, *Ficção Policial: antologia de ensaios teórico-críticos* (2013); 2) 2.1. Revistas: ed. com Ana Paula Coutinho, *Cadernos de Literatura Comparada: Deslocações Criativas* (2011, 24/25); 2.2. É membro do Conselho Editorial da revista *Pessoa/Plural*. *Revista de*

Estudos Pessoanos. Outros: Colaboradora regular de *Ulyssei@s*; Membro da equipa da edição anotada de *Novas Cartas Portuguesas* (2010).

Cuidar do lugar pela literatura: Aquilino Ribeiro e a imaginação patrimonial da Beira Alta

Maria Eugénia Pereira

(Univ. Aveiro)

Nesta comunicação, procedo a uma leitura de *Terras do Demo* (1919) e *Cinco Réis de Gente* (1948), de Aquilino Ribeiro, enquanto formas de inscrição literária da Beira Alta que, longe de reduzirem o espaço ao pitoresco regional, o restituem como território denso de memória, linguagem e experiência. Entre romance e escrita memorialística, Aquilino Ribeiro compõe um imaginário do lugar em que a paisagem não surge como moldura, mas como matéria viva de sociabilidades, ritmos de trabalho, oralidades, crenças e modos de habitar. O gesto comparatista decorre, assim, de uma dupla articulação: por um lado, da comparação entre dois regimes de representação – a ficção romanesca e a rememoração autobiográfica –; por outro, da tensão entre a espessura literária do território e as suas formas contemporâneas de patrimonialização e valorização turística. Partindo da geocrítica, da geopoética e da ética do care, nesta proposta defendo que a escrita aquiliniana realiza um trabalho de preservação simbólica que antecede e excede a institucionalização patrimonial: ela guarda o que é frágil, transitório e aparentemente menor, como as vozes, os gestos, as topografias afetivas, os saberes locais, e converte-o em forma. Nesse sentido, a literatura não representa apenas a Beira Alta: ela interpreta-a, transmite-a e torna-a legível como património cultural. A leitura de Aquilino permite igualmente interrogar criticamente os modos pelos quais o mundo rural é hoje exposto ao olhar do turismo cultural, oscilando entre valorização, musealização e postalização. A ficção surge, assim, como lugar de cuidado, resistência e mediação entre texto, território e memória.

★

Maria Eugénia Pereira é Professora Associada do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e Investigadora Integrada do Centro de Línguas e Culturas

da mesma instituição. Desenvolve atividade docente nos três ciclos de estudos, lecionando unidades curriculares nas áreas das Cartografias do Imaginário, da Língua e Literatura Francesas e do Turismo Literário e Cinematográfico. A sua investigação inscreve-se no âmbito da literatura francesa, da literatura portuguesa e da literatura comparada, com particular incidência nas relações entre literatura e cinema, no cinema e no turismo literário, domínios em que tem desenvolvido um trabalho continuado em múltiplas publicações científicas.

Imagologia e transnacionalismo na ficção de Lídia Jorge: o cuidar da relação eu/outro nas obras *Estuário* e *Misericórdia*

Maria João Simões

(Univ. Coimbra/ CLP)

A ficcionalidade transporta-nos para universos possíveis que nos obrigam a pensar sobre nós mesmos e sobre a nossa relação com os outros no mundo. Segundo Robert Tally Jr. (2018), “projetar um mundo” é “uma frase totalmente apropriada para descrever o papel da Literatura”, na medida em que as obras literárias desenham mapas imaginários que contribuem para reavaliar as nossas existências — sempre em confronto com representações imagológicas de outras culturas. Como uma forma de compreender o mundo, Lídia Jorge representa em *Estuário* como a escrita poderá ajudar a dizer, a compreender e a cuidar do mundo, mostrando como o seu protagonista, Edmundo Galeano, quer descrever a sua experiência nos campos de refugiados de Dadaab, para onde fora trabalhar como voluntário, ligado à CARE. Por seu turno, no romance *Misericórdia*, a escritora expõe como são complexos os cuidados a prestar aos idosos institucionalizados, tornando visível o papel dos imigrantes neste cuidar que também carece de ser (d)escrito. Ambas as ficções mostram a inextricabilidade do eu relativamente a outrem, ao tratar aspetos que desafiam a redução ao nível do nacional, como sublinha Peter Morgan (2017) fazendo jus à afirmação de Jean-Luc Nancy de que “a existência existe no plural, singularmente plural.” Este estudo terá como objetivo observar os temas do cuidar do “outro”, as configurações imagológicas de alteridade, e a tematização da própria escrita. Analisar-se-ão as estratégias narrativas acionadas para expor aspetos e fenómenos transnacionais ou imagológicos e perscrutar-se-á, por fim, o simbolismo carreado por todos estes elementos da composição romanesca.

*

Maria João Simões é Professora Associada Aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigadora do CLP - Centro de Literatura Portuguesa. Integra grupos de pesquisa internacionais: Grupo TOPUS, “Grupo Eça” e o Grupo “Nós do Insólito”. É membro da Comissão Executiva do Centro de Literatura Portuguesa. Publicou a obra *Estratégias e Ideias Estéticas do Realismo em Eça de Queirós* (2022). Coordenou os seguintes volumes: *O Grotesco* (2005); *O Fantástico* (2007); (co-editora) *O Século do Romance. Realismo e Naturalismo* (2013); *Impressões Surreais: O Surrealismo Português entre os Surrealismos Europeus* (2015); (co-editora com Marta Anacleto) *Revista de Estudos Literários, nº 7 — A Sátira: Teorias & Práticas* (2017). Coordena, no CLP, um Projeto de investigação, sobre Imagologia e Transnacionalismo literários, sob a égide do qual coordenou as publicações: *Imagotipos Literários: Processos de (Des) Configuração na Imagologia Literária* (2011); *Cruzamentos Representados. Imagologia e Figurações da Alteridade* (2020); *Imagologia e Mobilidade: Movidas e Migrações Figuradas* (2022).

A bicicleta como exercício de Ritmanálise: Albano Martins, Pablo Neruda e Barreto Guimarães

Maria Luísa Malato

(Univ. Porto/ ILC)

Só recentemente se descobriu a identidade do misterioso professor da Universidade do Porto que Bachelard refere, em *La Dialectique de la Durée*, como inventor do conceito de “Ritmanálise”. Sabemos agora que Bachelard se refere a Pinheiro dos Santos que lhe tinha enviado do exílio, no Brasil, uns papéis sobre o efeito terapêutico (individual e coletivo) que proporcionaria o (re)conhecimento de um ritmo “natural” nas atividades artificiais, de aprendizagem ou de produção (Pedro Baptista, 2010). A “Ritmanálise”, segundo Bachelard/ Pinheiro dos Santos, seria a base de uma Teoria do Conhecimento que valoriza a inação (ainda quando o sujeito visa a ação). Partimos aqui de uma implícita interdiscursividade entre o conceito de Bachelard/ Pinheiro dos Santos e o tema do “passeio de bicicleta” para valorizar 3 similares situações de conhecimento em 3 poetas distintos: a (in)ação em uma bicicleta que sai do sítio (Albano Martins), a (in)ação de um observador de bicicletas (Pablo Neruda) e a (in)ação em uma bicicleta de ginásio (José Barreto Guimarães).

*

Maria Luísa Malato é Professora Associada, com Agregação, na Universidade do Porto. A sua investigação centra-se na Literatura Comparada, com incidência no século XVIII e nas áreas da Utopia, Teatro e Retórica. Investigadora do Instituto de Literatura Comparada (UP), Colaboradora do Centro de Estudos de Teatro (UL) e Instituto de Filosofia (UP), é atualmente Presidente da Associação Portuguesa de Literatura Comparada (2025-2027).

Amor e modalidades de ação feminina em Clarice Lispector e Ana Plácido

Maria Luísa Taborda

(Univ. Porto/ ILC)

A presente comunicação propõe uma leitura comparativa entre os contos “Amor”, de Clarice Lispector, e “O amor!..”, de Ana Plácido, com o propósito de examinar de que modo o amor é representado e configura diferentes modalidades de ação feminina em momentos históricos distintos da literatura lusófona (séculos XIX e XX). No conto de Ana Plácido importa questionar em que medida o amor romântico se apresenta como gesto de rutura social, inscrevendo a ação feminina no espaço público e expondo-a às restrições sociais do seu tempo. Na narrativa de Clarice Lispector, parte-se da hipótese de que o amor organize a vida doméstica e a própria experiência interior da protagonista, deslocando o conflito para o plano íntimo e produzindo formas mais discretas de ação. Interessa-nos, igualmente, observar como determinadas tensões entre desejo, norma social e subjetividade, já visíveis em Ana Plácido, apontam para problemáticas que, em Clarice Lispector, assumirão novas configurações formais. A comunicação procura, assim, analisar os deslocamentos e reconfigurações através dos quais a representação do amor participa na definição das margens de ação das personagens femininas.

*

Maria Luísa Taborda Santiago – mestre e doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Universidade do Porto e colaboradora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, no grupo Intersexualidades. A sua investigação de doutoramento, financeiramente apoiada pela FCT, intitula-se “Ana Plácido e a assimetria de género: a consciência da autoria feminina no século XIX em Portugal”. Atualmente participa de um projeto de pesquisa luso-brasileiro que pretende publicar as obras completas da escritora portuguesa Ana Plácido.

Cuidar do Outro em Contextos de Abandono: Uma Leitura Comparada do Teatro de Beckett e Santareno

Maria Natália Amarante

(UTAD/ CEL)

O presente artigo propõe uma análise comparativa da representação do cuidado e da vulnerabilidade humana no teatro de Samuel Beckett e Bernardo Santareno, a partir das obras *A espera do Godot* e *O Crime da Aldeia Velha*. Partindo do conceito de ética do cuidado, o estudo examina de que modo as relações entre personagens revelam situações de vulnerabilidade, abandono e responsabilidade moral perante o outro. Através de uma abordagem comparatista, procura-se compreender como o teatro problematiza a presença ou a ausência do cuidado nas relações humanas, evidenciando tensões sociais, morais e existenciais. Conclui-se que, embora inseridas em contextos dramáticos distintos, as obras analisadas expõem a fragilidade das relações humanas e questionam a responsabilidade ética do indivíduo perante o sofrimento e a vulnerabilidade do outro.

*

Maria Natália Amarante possui doutoramento em Literatura pela Universidade do Algarve. É mestre em Literatura Românica Moderna e Contemporânea pela Universidade do Porto, mestre em Letras e Literatura Moderna pela Universidade de Paris III - La Sorbonne Nouvelle, em Paris, e tem duas licenciaturas: uma em Letras e Literatura Moderna e outra em Línguas e Civilizações Portuguesas, ambas pela Universidade de Paris III - La Sorbonne Nouvelle, em Paris. É professora auxiliar com nomeação definitiva em Literatura na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro/Portugal. Ocupa diversos cargos de gestão na ECHS, nomeadamente membro e secretária do Conselho

Pedagógico, Vice-Diretora do curso de Licenciatura em Línguas e Relações Empresariais e Vice-Diretora do curso de Licenciatura em Teatro e Artes Performativas. Realiza a sua pesquisa na área da literatura, com particular enfoque no Teatro e Genética Teatral e na literatura comparada, na receção e tradução da literatura e dramaturgia francesas, e na história do ensino do francês em Portugal.. Atualmente, é investigadora integrada no Centro de Estudos em Letras (CEL/UTAD) na linha de pesquisa em Literatura, colaboradora do Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa (CET/FLUL) na linha de Genética Teatral e processos criativos, e membro colaborador do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC/UAlg), integrando o grupo: Artes Visuais e processos criativos. É membro dos órgãos de gestão da APEF, que recebeu o prêmio Hervé Deluen em 2014 pela Academia Francesa. Além disso, é membro da comissão permanente de leitura da revista internacional Gerflint Synergies Portugal.

Homens sem Caminho: etnografia e literatura na crítica ao colonialismo

Mário Lugarinho

(USP/ ILC)

Análise do romance *Homens sem Caminho* (1941), de Castro Soromenho, situando-o no contexto da produção etnográfica do autor para a revista de propaganda O Mundo Português. Argumenta-se que, enquanto o regime colonial empenhava-se em erigir um “símbolo” de um Império eterno e monolítico, a narrativa de Soromenho entrega uma “alegoria” benjaminiana do seu arruinamento histórico. Ao examinar o colapso da sociedade Lunda sob a ameaça Quioca, o estudo demonstra como o detalhe etnográfico funciona como uma fissura discursiva que subverte o projeto de “letramento colonial” do Estado Novo. Sustentado pela filosofia da história de Walter Benjamin e pela crítica da modernidade de Enrique Dussel — especificamente o “encobrimento” do Outro —, o artigo revela como Soromenho transforma a representação do sujeito africano numa alegoria trágica do fracasso do empreendimento colonial. Em última análise, a obra é apresentada como um marco na literatura angolana, transitando da documentação colonial para a crítica do mito imperial.

*

Mário César Lugarinho é Professor Titular da Universidade de São Paulo na área de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. É investigador do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, onde integra o projeto de investigação A Literatura Colonial Portuguesa: além da memória do Império, coordenado por Inocência Mata e com financiamento da FCT. Foi investigador colaborador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto. Foi Professor Visitante na Universidade de Lisboa (2013; 2019-2020; 2021-2022) e na Universidade de Macau (2015-2016). Publicou livros, artigos em revistas especializadas e capítulos

de livros, no Brasil e no Exterior. Liderou o GrPesq “Literatura: intersecções identitárias” e orientou 27 mestrados, 18 doutorados, 13 Iniciações Científicas e supervisionou 7 estágios de pós-doutorado. Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa, principalmente, com os seguintes temas: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Estudos Pós-coloniais, Estudos Culturais e Estudos Queer.

Carregando o fogo: Fim do Mundo, Relações Humanas e a Ecocrítica em *A Estrada* (2006) de Cormac McCarthy e *A Vida no Céu* (2013) de José Eduardo Agualusa

Mário Ribeiro

(Univ. Porto)

O que resta depois do fim do mundo? Conseguiria uma relação humana manter-se inabalável por entre um cenário de devastação? Será o pós-apocalíptico, este emergente subgénero literário-cultural, capaz de tecer críticas à nossa sociedade contemporânea? Estas são as perguntas que o presente trabalho pretende analisar. Inserido numa perspetiva comparatista, o seguinte trabalho pretende comparar os romances *A Estrada* (2006) do escritor americano Cormac McCarthy e o romance *A Vida no Céu* (2013) do escritor angolano José Eduardo Agualusa. Neste trabalho, ira-se analisar como os dois autores interpretam as respetivas realidades pós-apocalípticas dos seus romances e de como as relações humanas são impactadas nestes cenários de destruição, além de analisar como os autores desenvolvem, nas suas obras, uma crítica ecológica ao cenário contemporâneo. Desta forma, o presente trabalho encontrar-se-á organizado, na seguinte estrutura: primeiramente, irei estruturar uma pequena introdução aos autores, ao género pós-apocalíptico e como as respetivas obras interpretam o fim do mundo, que servirá como uma sequência contextual; de seguida, numa segunda secção, irei analisar como é que as relações humanas são estruturadas nestes novos cenários sociais e de como a sociedade se adapta aos cataclismos dos respetivos romances; e por fim, numa terceira secção, irei analisar como os autores servem-se de um cenário pós-apocalíptico climático

para tecer uma crítica ecológica, dentro da realidade contemporânea do século XXI, seguido de algumas considerações finais sobre os temas abordados.

★

Mário Ribeiro é um investigador português e realizou o seu percurso académico na cidade do Porto, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), onde licenciou-se no curso de Línguas, Literaturas e Culturas, em 2021. Em 2024, obteve o título de mestre no Mestrado em Estudos-Anglo Americanos, com a dissertação “Uma Terra de Sangue, Homens e Cavalos: Identidade e Violência em *All the Pretty Horses* (1992) de Cormac McCarthy e *The Power of the Dog* (1967) de Thomas Savage”. Após o mestrado, trabalhou em 2025 na Universidade Jean Monnet (UJM), em Saint-Étienne, como professor leitor no Département de Langues Etrangères Appliquées (LEA) e no Département d’Études Hispaniques, Hispanophones et Lusophones (LLCER-Espanhol).

Morte, vulnerabilidade e narrativa: o diálogo intertextual entre “The Dead” e *The Room Next Door*

Miguel Oliveira

(FCSH/ CETAPS)

O confronto com a morte e com a vulnerabilidade da vida humana constitui um dos eixos estruturantes da literatura ocidental. Longe de se limitar a um tema recorrente, a morte emerge enquanto dispositivo narrativo e hermenêutico que permite auscultar a condição humana e reconfigurar o entendimento que os indivíduos constroem de si, dos outros e do mundo. Em “The Dead”, último conto de *Dubliners* (1914), de James Joyce, a epifania de Gabriel Conroy decorre da súbita consciência da inevitabilidade da morte, expondo a fragilidade do sujeito moderno e as fraturas do self. A morte é reinscrita no quotidiano, dissolvendo as fronteiras entre mortos e vivos. Esta problemática é reconfigurada no filme *The Room Next Door* (2024), de Pedro Almodóvar, inspirado em *What Are You Going Through* (2020), de Sigrid Nunez. Ao focar-se na morte assistida como motivo central, o filme desloca a reflexão para o campo ético contemporâneo e para as Humanidades Médicas, tornando pertinente o diálogo com autores como Rita Charon e Arthur W. Frank, que sublinham a centralidade da narrativa no estudo da vulnerabilidade. A incorporação do texto de Joyce no filme, bem como da sua adaptação cinematográfica por John Huston, constitui um gesto intertextual que atualiza a epifania joyceana como ferramenta crítica para pensar autonomia, cuidado e finitude. A comunicação analisará a importância e as implicações da incorporação da epifania de Gabriel Conroy no filme, defendendo a literatura como espaço privilegiado de mediação ética da morte enquanto experiência humana partilhada intemporal.

★

Miguel Oliveira é aluno de Doutoramento de Literaturas e Culturas Modernas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

O seu campo de estudos envolve a interligação entre as Ciências, a Literatura e as Humanidades, em particular as Humanidades Médicas. Tem um mestrado em Literaturas e Culturas Modernas (Estudos Ingleses e Norte-Americanos) e licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (Estudos Portugueses e Ingleses) pela Universidade Nova de Lisboa. É membro do Centre for English, Translation, and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS) e colaborador do *strand* "Anglophone Cultures and History". O seu projeto de doutoramento recebeu uma bolsa da FCT em 2024.

Universos mágico-femeninos y agentividad de género en *La casa de los espíritus* (Isabel Allende) y *O dia dos prodígios* (Lídia Jorge)

Mirta Fernández

(Univ. Porto)

A partir de los años sesenta del siglo XX, el término «realismo mágico» se populariza para designar uno de los rasgos compartidos por los grandes novelistas del Boom y el Postboom hispanoamericanos. De dicha noción deriva el concepto «feminismo mágico», fruto de la intersección entre realismo mágico, literatura femenina y literatura feminista. Tal como indica Ruiz Serrano (2011), se suele agrupar bajo la etiqueta «feminismo mágico» la producción literaria de un grupo de narradoras hispanoamericanas que comienzan a despuntar a comienzos de los años ochenta (Allende, Esquivel, Belli). Por otra parte, en la actualidad, buena parte de la crítica coincide en apuntar que el realismo mágico y sus derivaciones han dejado de ser un fenómeno literario circunscrito a Hispanoamérica para convertirse en «la lengua literaria del emergente mundo poscolonial» (Bhabha, 2005, citado por Hart y Ouyang, 2010). En ese sentido, escritores contemporáneos como Murakami, Grass, Rushdie, Kundera o Saramago, entre otros, son leídos desde este prisma en sus respectivos sistemas literarios, como exponentes de una corriente amplia que representa «una realidad modificada» (Roh, 1925), donde irrumpen elementos extraños, maravillosos, mágicos o míticos que coexisten de forma armoniosa con el plano real de la acción. Asumiendo, pues, el realismo mágico como un fenómeno literario de alcance global, en esta comunicación se compararán las representaciones del universo mágico

femenino en las novelas *La casa de los espíritus* (1982), de la chilena Isabel Allende, y *O dia dos prodígios* (1980), de la portuguesa Lídia Jorge –ambas publicadas en contextos

posdictatoriales contemporáneos-, con el fin de determinar si las representaciones que ambas autoras construyen de sus personajes mágico-femeninos contribuyen a reforzar la tradicional asociación mujer-irracionalidad-emoción-domesticidad o si, por el contrario, mediante la atribución de poderes sobrenaturales, dotan a sus protagonistas de agencia sociopolítica y autonomía, operando así una reconfiguración del orden simbólico.

★

Mirta Fernández es Profesora Auxiliar (Profesorado Permanente Laboral) en la Faculdade de Letras da Universidade do Porto, doctora en Filología Hispánica por la UNED, investigadora integrada del CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória») y colaboradora del CLUP (Centro de Linguística da Universidade do Porto) y del GIR DINE (Las Desconocidas. Identidad, Narración y Educación) de la USAL. Ha publicado varios trabajos sobre enseñanza de ELE y culturas y literaturas hispánicas, así como algunos libros, capítulos y artículos subordinados fundamentalmente a las temáticas de poesía femenina hispanoamericana contemporánea y realismo mágico. Ha dirigido varios TFM y está dirigiendo sus primeras tesis doctorales. En 2018 obtuvo el Premio Extraordinario de Doctorado, en 2019 el I Premio de Investigación Filológica «Profesor José Romera Castillo» y en 2021 fue finalista del Premio de la Real Academia Española. Sus principales intereses de investigación son las culturas y literaturas hispánicas e iberoamericanas, la literatura comparada, la lengua española y sus fenómenos de variación, la lexicografía y la lingüística general.

Notícias do fim do mundo: o espaço na narrativa de Ana Margarida de Carvalho

Mónica Figueiredo

(ILC)

A presente comunicação tem como intenção primeira pôr em diálogo a produção ficcional de Ana Margarida de Carvalho e os estudos da Geocrítica, por acreditar que a figuração do espaço na obra da autora, reflete, de maneira instigante, os impasses vividos pela nossa contemporaneidade em demanda com o que chamo, genericamente, de espaço. Considerando que o espaço, desde os estudos de Mikhail Bakhtin, passou a ser percebido não meramente como cenário do romance, nem tão pouco como mero exercício descritivo de dimensões geográficas precisas, pretendo “mapear” como o discurso ficcional da Autora é capaz de criar mundos insólitos, de perto ameaçados pela perda da humanidade, inclusa em muitos de seus personagens. Por outras palavras, o que aqui pretendo discutir é como a sua ficção conseguiu criar lugares-limites, onde a condição humana é posta à prova quando aprisionada no Tarrafal (*O que importa a fúria do mar*); em uma ilha perdida no Atlântico Sul (*Não se pode morar nos olhos de um gato*); em aldeias inóspitas, esquecidas na fronteira sul de Portugal com a Espanha (*O gesto que fazemos para proteger a cabeça*); ou ainda, numa pedreira que “deságua” num rio avassalador (*Eu sou a chuva que lança a areia do Saara*). Partindo de limites espaciais, gostaria de averiguar como a sobrevivência humana é recriada pelas linhas de sua ficção, de modo a questionar a angustiante e violenta condição de “estar vivo” em uma contemporaneidade como a nossa.

*

Monica Figueiredo é Professora Associada de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua como docente no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLV/UFRJ). É Pesquisadora

de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Com Especialização, Mestrado e Doutorado em Literatura Portuguesa, dedicou grande parte de seus estudos à narrativa de ficção produzida ao longo dos séculos XIX-XX. A partir de 2002, encaminhou seu trabalho de investigação para o romance oitocentista, através do estudo de Eça de Queirós e Machado de Assis. Valorizando o viés comparatista, de 2005 a 2006 desenvolveu pesquisa com Bolsa de Pós-Doutoramento (CNPq) junto à Universidade de Coimbra; e de 2017 a 2018, desfrutou de Bolsa de Estágio Sênior (CAPES), junto ao Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, onde é Membro-Colaborador. Agraciada com prêmios que reconheceram seu trabalho de investigação, é autora de livros de ensaios e de diversos ensaios publicados no Brasil e no estrangeiro. Entre sua produção ensaística, destacam-se os seguintes livros: *Na casa, no corpo, e na cidade. As moradas da ficção*; *De vencedores vencidos: Machado & Eça num encontro*; *Eça de Queirós e a danoção do olhar*; *Eça de Queirós em parceria com o tempo*.

Os cuidados do cânone: uma perspectiva comparatista do papel da digitalização na reconfiguração do Cânone Literário

Monica Ganhão

(Univ. Lisboa/ CECComp)

São bem conhecidos do público académico os benefícios que o avanço tecnológico das últimas décadas tem trazido para a investigação. Entre outras vantagens, a disponibilização de recursos online, nomeadamente de obras literárias, tem permitido dar-lhes a conhecer a um público mais vasto. Tal tem sucedido também na área de Estudos Portugueses e de Estudos de Género (nomeadamente estudos sobre autoria feminina) em Portugal. Um investigador que cuide do cânone – e aqui se entende o cuidar na sua variada carga semântica – deverá preocupar-se em compreender de que maneira esta forma de cuidado – o da digitalização – está a ser aplicado à sua área de trabalho. E aquele que se debruçar sobre autoria feminina em Portugal, verificará que, apesar do desenvolvimento que já se detecta, se encontram ainda pouco divulgadas as obras de autoras portuguesas anteriores ao século XX. O estudioso que queira trabalhar sobre qualquer delas vê-se dificultado pela falta de informação (grandemente colmatada, ainda assim, pelo website encabeçado por Vanda Anastácio - Escritoras em português) e, sobretudo, pela dificuldade em aceder às obras. Nesta comunicação, procuraremos alertar para a urgência da criação de arquivos digitais que disponibilizem obras de autoria feminina quer através de digitalizações, quer de edições, com o objectivo de cuidar de e pelas vozes de mulheres que têm sido silenciadas na historiografia literária portuguesa. Basear-nos-emos nos casos de Ana Plácido e Guiomar Torresão, duas escritoras do século XIX. A primeira, tendo sido companheira de Camilo Castelo Branco, acabou por ser apagada, tendo só em 2019 sido alvo de reedição em livro. Quanto à

obra de Guiomar Torresão, permanece quase exclusivamente disponível em bibliotecas e arquivos de acesso pouco fácil (à excepção da comédia *O fraco da baronesa*, editada em livro em 2005), apesar do seu sucesso, na época, enquanto escritora e jornalista. Procuraremos, assim, demonstrar o cariz singular destas duas escritoras e o modo como a sua divulgação contribuiria para a reavaliação do cânone literário português.

*

Mónica Ganhão é doutorada em Estudos Portugueses e Românicos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, beneficiou de uma bolsa FCT para o projecto de tese “Mulheres entre homens: dinâmicas de género na narrativa portuguesa oitocentista”. Os seus interesses centram-se nos estudos portugueses e nos estudos sobre mulheres, tendo-se especializado em Literatura Portuguesa e em literatura de autoria feminina. Neste momento, é também colaboradora do Centro de Estudos Comparatistas e do Centro de Estudos Clássicos da FLUL, está a desenvolver a edição de obras de Guiomar Torresão e outras autoras do século XIX e é formadora de Português Língua Estrangeira no Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, também na FLUL.

A Ética do Care e a Resistência da Memória: Diálogos entre *Misericórdia* de Lúcia Jorge e *Leite Derramado* de Chico Buarque

Odete Jubilado

(Univ. Évora/ CEL)

M. Luísa de Castro Soares

(UTAD/ CEL)

Nesta comunicação, propomos uma análise comparativa dos romances (2022), de Lúcia Jorge, e *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, centrando-nos na representação da velhice e da finitude à luz da ética do cuidado (*ethics of care*). A partir das contribuições teóricas de Joan Tronto e Nel Noddings, bem como das reflexões reunidas em *Le souci des autres. Éthique et politique du care*, organizado por Patricia Paperman e Sandra Laugier, examinamos de que modo as instituições — nomeadamente o lar de idosos e o hospital — operam segundo uma lógica de “irresponsabilidade privilegiada”, conducente à desumanização do sujeito. Entendemos aqui o *Care* não apenas como prática assistencial, mas como uma ética da atenção à vulnerabilidade, fundada na interdependência humana, na valorização das emoções morais e na centralidade das relações ordinárias de solicitude e da responsabilidade para com o outro, entendido como “*le souci des autres*”. Em contraste, identificamos a emergência de formas de cuidado relacional, corporizadas em figuras como Nina Mercedes e a enfermeira noturna, através das quais se restitui a dignidade dos protagonistas por via da escuta, da presença e do afeto. Em articulação com o pensamento de Walter Benjamin, analisamos ainda o papel da narração enquanto dispositivo de “cura”, capaz de romper a “barragem da dor” e de adiar a morte simbólica mediante o registo da memória. Neste sentido, dialogamos também com as propostas de Alexandre Gefen acerca de uma

"littérature qui répare", segundo a qual a Literatura Contemporânea assume uma função reparadora e relacional, produzindo formas de empatia, reconhecimento e reconstrução do vínculo social por meio da atenção às fragilidades humanas e às experiências de sofrimento. Concluimos que ambas as obras reivindicam a interdependência humana e a misericórdia como actos de resistência política contra a invisibilidade social do idoso, convertendo a narrativa num espaço ético de reconhecimento do outro e de reinscrição da vulnerabilidade no centro da experiência humana.

*

Odete Jubilado é Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas | variante em Estudos Portugueses e Franceses e Mestre em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É Doutora em Literatura Comparada pela Universidade de Évora, onde lecciona desde 1992. Actualmente é Professora Associada de Literatura Comparada no Departamento de Linguística e Literaturas da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora. É Directora do Doutoramento em Literatura e Vice-Presidente da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. É membro integrado do CEL – Centro de Estudos em Letras – Pólo da Universidade de Évora. A sua investigação privilegia a área da Literatura Comparada onde tem publicado artigos e capítulos de livros, sobre as obras ficcionais de José Saramago; Philippe Sollers; Camus; Michel Butor; Mia Couto, Maria Gabriela Llansol, Fialho de Almeida e Machado de Assis entre outros.

Maria Luísa de Castro Soares é Professora Associada (2021) com Agregação (2008) e doutorada (2000) em Literatura Portuguesa, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Completou o Mestrado em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1992) e a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Franceses (1985) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Actualmente, é directora do Doutoramento em Estudos Interdisciplinares da Literatura e lecciona Literatura Portuguesa Clássica e Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. É Formadora certificada nas áreas de Literatura Portuguesa e Teoria da Literatura. É investigadora no Centro de Estudos em Letras (CEL) na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e investigadora colaboradora no Centro de Estudos

Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (CECH-UC) e no Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (CIEC-UC). Tem publicações em livro, em capítulos de livro e em artigos científicos indexados da área da especialidade. É colaboradora estrangeira no Grupo de Estudos em Literaturas de Língua Portuguesa - GELLP, da Universidade Estadual do Piauí (Brasil); membro do Colégio Doutoral da UTAD; membro do Conselho Científico da Revista de Letras - UTAD; membro do Conselho de Direção da Nova Águia. Revista de Cultura para o Século XXI e sócia honorária do MIL-Movimento Internacional Lusófono (Integrado na PASC - Plataforma Ativa da Sociedade Civil).

O cuidar de vozes subalternas: Dodo e Ana nas ficções de João Silvério Trevisan e Teolinda Gersão

Orlando Grossegeesse

(Univ. Minho/ CEHUM)

Partindo do livrinho da teuto-brasileira Júlia da Silva Bruhns, intitulado *Aus Dodos Kindheit: Erinnerungen* (1903) [Da Infância de Dodô: Lembranças], faremos uma análise comparativa entre *Ana em Veneza* (1994), de João Silvério Trevisan, e *O Regresso de Júlia Mann a Paraty* (2021), de Teolinda Gersão. Embora com focos muito diferentes, ambas as ficções cuidam de vozes que foram silenciadas pela ordem patriarcal e colonial: a voz de Júlia, mãe de escritores que se tornaram famosos (Thomas e Heinrich Mann), e a voz da escrava negra Ana, ama de Júlia e seus irmãos. A escrita de *Aus Dodos Kindheit* nasce de um trauma infantil e procura trabalhar o 'exílio' resultante de perdas: Júlia não só perde aos seis anos a sua mãe, mas também sofre a separação definitiva da sua ama e, com isso, é privada da convivência com a cultura afro-brasileira. Ao mesmo tempo, as suas memórias de infância revelam – sem ter este propósito – o trauma coletivo causado por escravatura e tráfico de escravos. Teolinda Gersão foca a voz de Júlia (Dodo), João Silvério Trevisan a voz de Ana, ambas caracterizadas pelo switching entre diferentes línguas e culturas. Nestas recriações ficcionalizadas, as duas mulheres podem ser entendidas como nepantleras (= border crossers) de ativismo espiritual, no sentido de Gloria Anzaldúa, ou como mediadoras da transformação de homens (escritor, músico), correndo o risco de se assim tornarem novamente subalternas.

*

Orlando Grossegeesse estudou Línguas e Literaturas Românicas e Ciências de Comunicação na Ludwig-Maximilians-Universität (LMU) em Munique (M.A. 1986; Dr. phil. 1989). Desde 1990, é docente na Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas (ELACH, anterior ILCH) da Universidade do Minho (Braga), a partir de 2004 como

professor associado, com agregação (2022). Membro integrado do Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM). Ensina e investiga nas áreas de Estudos Românicos (Lusitanística, Hispanística) e Germanística, Literatura Comparada, Estudos Culturais e Estudos de Tradução, com mais de trezentas publicações.

A aula de literatura no Ensino Superior através da criação literária

Pedro Rosário

(Univ. Coimbra)

A literatura atua como um espaço privilegiado de reflexão crítica e de compreensão das múltiplas experiências humanas, desempenhando papel essencial na formação cultural e intelectual dos indivíduos. Como afirma Antonio Candido (2011), ela “nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”, ao dar forma aos sentimentos e à visão de mundo. No âmbito educacional, o ensino da literatura ultrapassa a mera transmissão de conteúdos, configurando-se como um campo de estímulo ao pensamento criativo e analítico. Nesse contexto, a articulação entre leitura e escrita torna-se central para o aprendizado literário (Cosson, 2015; Colomer, 2005). A incorporação da criação literária como método pedagógico permite que os estudantes desenvolvam uma compreensão mais profunda dos textos, aprimorem sua expressão escrita e ampliem a leitura crítica e o domínio dos conceitos da teoria e da historiografia literária. Investigar essa abordagem no Ensino Superior português possibilita refletir sobre práticas formativas e sobre a preparação de futuros professores para o ensino da literatura. Com base em estudos de Diego Grando, Luis Assis Brasil e Violaine Houdart-Merot, esta comunicação analisa o ensino de literatura nos cursos de Letras no Brasil e em Portugal, propondo caminhos que aproximem teoria e prática por meio da criação literária. Trata-se de um recorte de uma tese de doutoramento em desenvolvimento, que busca contribuir para a renovação das práticas de ensino e para a valorização da literatura como experiência estética, crítica e transformadora.

*

Pedro Rosario é mestre em Escrita Criativa (Universidade de Coimbra, 2024) com a tese “Pequeno Tributo ao Sonho Morto - literatura de imigração em tempos caducos”; e a sua Licenciatura e Bacharelato em Letras - Português (Universidade de São Paulo-USP, 2009). Frequenta o Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa pela

Universidade de Coimbra. É membro do Centro de Literatura Portuguesa da FLUC. Trabalhou como professor de literatura do Ensino Médio brasileiro entre os anos de 2011 e 2022. É ator profissional formado pelo Teatro-Escola Célia Helena de São Paulo. Suas áreas de interesse são a escrita criativa, literatura brasileira e portuguesa entre os séculos XIX e XXI, teoria literária, literatura comparada, ensino de literatura e estudo das artes da representação. Organizou e participou, junto com os demais alunos do doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa e apoio da direção da FLUC, do colóquio “Do texto à sala de aula. O ensino da literatura pelo olhar de Sebastião da Gama” em que apresentou “Leitura e Escrita na Educação Literária: do Diário de Sebastião da Gama à Escrita Criativa.” É autor da obra de ficção “Diário do Subsolo” (2022) e do texto dramático “Pequeno Tributo ao Sonho Morto” (2024).

Moving beyond nihilism: parallels between Virginia Woolf and Clarice Lispector's female fictions

Rosalind Moran

(St. Anne's College)

This paper explores the role of everyday language and small talk in particular in shaping female subjectivity in *A Cidade Sitiada* by Clarice Lispector and *Mrs Dalloway* by Virginia Woolf, with reference also to *Uma Aprendizagem, ou O Livro dos Prazeres* and *The Voyage Out*. While both Lispector and Woolf are frequently read through the lens of interiority, this paper derives its originality from placing the two in parallel and in relation to the social dimension of language, such as polite conversation and conventional phrases. I argue that such forms of speech are not merely decorative but instead represent compromises often deemed inherent to the transition from girlhood to adulthood, along with women's entry into domestic and marital spheres. In Lispector's works, language often falters or becomes estranged, exposing the instability of the self it seeks to sustain. In Woolf's novels, meanwhile, small talk operates to maintain coherence while masking fractures in characters' social tapestries and inner worlds. Bringing these writers into dialogue, this paper suggests that small talk functions as both constraint and threshold: a linguistic space in which female subjects are simultaneously limited, and, occasionally, able to glimpse forms of existence beyond the social script.

*

Rosalind Moran is a first-year DPhil student based at St Anne's College, Oxford, and funded by the St Anne's OCCT Scholarship. She holds an MPhil in European, Latin American, and Comparative Literatures and Cultures from the University of Cambridge, a PhB Bachelor of Philosophy (Hons) from the Australian National University, and a Diploma of Languages (Mandarin) from the Australian National University. Focusing

on an original comparison of the works of Clarice Lispector and Virginia Woolf, Rosalind's DPhil project explores how concepts from the physical sciences can enrich interpretations of modernist literatures, and thereby strengthen and develop theories surrounding posthumanism, dark ecology, and planetarity.

Romance da Raposa: furtos e dádivas

Simão Valente

(Univ. Porto/ ILC)

No prefácio de *Romance da Raposa*, Aquilino Ribeiro assume explicitamente a herança de Esopo, inscrevendo a sua obra na longa tradição fabulística que passa também pelo *Roman de Renard* medieval. Essa filiação funciona como legitimação e, simultaneamente, como gesto de apropriação criativa. Noutro passo do mesmo texto, o autor apresenta o livro como um presente para o seu filho, Aníbal, que constitui como ouvinte e co-autor na elaboração das histórias que dariam matéria ao texto. Esta dádiva implica uma troca prévia: a narrativa é oferecida a quem a ela algo já deu, mas também um furto: tal como a raposa que protagoniza a narrativa — astuta, ambígua e transgressora —, o autor apropria-se de motivos, estruturas e ensinamentos tradicionais, reinventando-os no contexto da cultura portuguesa, dando-os ao seu filho. Este gesto de apropriação espelha a lógica interna da obra: a manha, o desvio e a reinvenção como formas de sobrevivência e criação. Neste sentido, o livro pode ser interpretado à luz das reflexões de Mauss sobre a dádiva, bem como das releituras de Derrida e Lewis Hyde. A dádiva nunca é totalmente gratuita: implica sempre uma expectativa de reciprocidade, ainda que disfarçada. Assim, o “presente” de Aquilino contém uma ambivalência fundamental — é simultaneamente oferta e estratégia, generosidade e captura. Tal como a raposa, que dá e retira, que engana e ensina, também a obra trata de uma economia simbólica onde dar, receber e retribuir são gestos da negociação entre a “as regras do amor ao pelo” e o cuidar do próximo.

★

Simão Valente é professor auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto desde 2022. Anteriormente, foi professor auxiliar convidado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2016-2020) e leitor de português na Universidade de Oxford (2012-2016). É doutorado em Línguas Medievais e Modernas pela Universidade de

Oxford (2016), com uma tese sobre a ficção policial de Fernando Pessoa. Tem também dois mestrados Erasmus Mundus em Estudos Italianos, Culturas Literárias Europeias e Ciências da Linguagem, pela Universidade de Bolonha, e em Literatura Francesa e Comparada, pela Universidade de Estrasburgo (2012). Licenciou-se em Línguas, Literaturas e Culturas pela Universidade de Lisboa. É co-editor de quatro volumes da coleção *Literatura-Mundo Comparada - Perspectivas em Português* (Tinta-da-china) e autor de vários artigos e capítulos de livros sobre literatura portuguesa e comparada.

Comparative Life Sentences – Transcultural Writing

Sharon Lubkemann Allen

(Univ. of New York)

"I am comparatively." Among the shortest of a surfeit of strange sentences in Vladimir Nabokov's *Invitation to a Beheading*, this one articulated by Cincinnatus C., perhaps scribbled with the dwindling pencil stub whose length denotes that of his life after pronouncement of a death sentence, describes a state of being, a mode of being, a human being essentially/existentially between. The claim correlates not only to a chronotopic liminality (suspension between first word and final period of the sentence), but to dimensions and dynamics of being doubled and divided, digressive and displaced. Cincinnatus's criminality can be understood in terms of caring and comparativism, contingent on a constant otherness that renders him opaque in a cultural context that calls for translucency. As a comparatist, Cincinnatus casts a shadow. However, Nabokov's luminous language (direct first person and indirect free discourse) cuts through consciousness—elucidating individual and cultural landscapes through reflective, reflexive, refractive moves. Written early in exile, Nabokov's novel concludes with an ambivalent execution, perhaps literal, certainly literary. The literary execution deconstructs the literal. Dissolving monologic authority, Cincinnatus authors his own life sentence, dialogically inclined "towards other voices like his." Whose are those other voices? In a talk given to a room full of transcultural writers on "The Condition We Call Exile" (1987), the poet and likewise Nobel laureate Joseph Brodsky notes, first, all the voices of those not in that "well lit room", yet makes the case that "talk we must; and not only because literature, like poverty, is known for taking care of its own kind, but more because of the ancient and perhaps as yet unfounded belief that should the masters of this world be better read, the mismanagement and grief that make millions take to the road could be somewhat reduced." He argues that literature constitutes "moral insurance" against "any sort of bulldozer-type mass solution - if only

because human diversity is literature's lock and stock, as well as its *raison d'être*. We must talk because we must insist that literature is the greatest — surely greater than any creed — teacher of human subtlety, and that by interfering with literature's natural existence and with people's ability to learn literature's lessons, a society reduces its own potential, slows down the pace of its evolution, ultimately, perhaps, puts its own fabric in peril. If this means that we must talk about ourselves, so much the better: not for ourselves but perhaps for literature". Brodsky, who made the claim in "Less than One" that a "writer's biography is in his twists of language" concludes his lecture on writing in exile by noting that a "freed" writer is not the same as the writer who is "free", a freedom measured by failing and blaming no one. My presentation concerns such "talking about ourselves", and not only about ourselves, through comparative literature (by which I don't just mean the comparative study of literature, but literature that is "comparatively"). It concerns works by contemporary transcultural writers unafraid to fail, works that I have "a fondness for" because in some sense they "flail awkwardly" (to recall Lispector's introduction to her chronicles in *The Foreign Legion*). Like Lispector, these women write "without sentimentality", casting for sense between baited lines of fictions that constitute lies to lies that arrive at "brutal truths". I consider notions of "home" and "unhomeliness", literal and literary executions, violence and violation, and comparatively reconstitutive writing in works by Tatiana Salem Levy (*A Chave de Casa*), Djaimilia Perreira de Almeida (*Esse Cabelo*), Nina Bouraoui (*Garçon manqué*), in dialogue with Eva Hoffman's *Lost in Translation* and "The New Nomads" (in Aciman's *Letters of Transit*), and in terms of theoretical frameworks articulated by Deleuze and Guattari, Bhabha, Bakhtin and Lotman.

*

Sharon Lubkemann Allen. Professor of Comparative Literature and Director of English Graduate Programs in Literature and Creative Writing, State University of New York, Brockport. Visiting Fellow, Gulbenkian, Centro de Arte Moderna, 2020. Fulbright Fellow, Programa em Teoria da Literatura, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2009-2010. Mellon Postdoctoral Fellow, Wolf Humanities Center, University of Pennsylvania, 2004-2005. PhD in Comparative Literature, Princeton, 2004. Graduate work at the École Normale Supérieure Université de Paris IV-Sorbonne, Paris; Petersburg State University, International Dostoevsky Museum, and Institute of Russian Literature—

Pushkinskii Dom, Russia. MA, Princeton, 2000 & University of Dallas, 1996. Henri Hart Rice Fellowship for work in the arts, Russia & Ukraine, 1991-1992. BA, Yale University, 1991. She has published extensively on modern Brazilian, Portuguese, French, Russian and East European literature, film, and art. While deeply rooted in 19th-c and modernist narrative studies (*EccentricCities: Writing in the Margins of Modernism, St. Petersburg to Rio de Janeiro*, Manchester University Press, 2013), her teaching and scholarship has gravitated to post-colonial, post-modern, transcultural, and inter-arts inquiry. A visual artist as well as an interdisciplinary scholar, she is currently working on sculptures and oil sketches related to a scholarly monograph provisionally titled *New Navigators: ReVisionary Lusophone Artists & Writers Remapping Cultural Memory, Recasting Cultural Consciousness, Reorienting Cultural Conscience*.

Imaginar o humano no porvir: robôs, infância e mundos em devir na literatura infantil chinesa e portuguesa

Shiyi Lu

(Univ. Macau)

Júlio Reis Jatobá

(Univ. Macau)

Esta comunicação propõe uma leitura comparativa de 皮皮鲁和机器猴 (Pipilu e o Macaco-Robô, 2006), de Zheng Yuanjie, e O Rapaz e o Robô (1995; reed. 2016), de Luísa Ducla Soares, analisando como a literatura infantil imagina o humano no porvir face às transformações tecnológicas contemporâneas. A análise inscreve-se no quadro do pós-humanismo crítico (Braidotti, 2013), entendendo o robô não como mero objeto funcional, mas como figuração narrativa que dramatiza processos de devir, redistribuição de agência e formação ética e identitária da criança, concebida como sujeito relacional em construção. Em Pipilu e o Macaco-Robô, Zheng Yuanjie — conhecido na China como o “Rei dos Contos de Fadas” e autor de grande impacto no contexto extra-institucional — constrói uma figura híbrida, um macaco de corpo mecânico, cujo aparecimento desencadeia conflitos científicos, políticos e militares. O robô funciona como catalisador de uma crise sistêmica, expondo medos ligados à violência, ao colapso ecológico e ao uso descontrolado da tecnologia. Por outro lado, O Rapaz e o Robô, de Luísa Ducla Soares, autora central da literatura infantil portuguesa, centra-se numa experiência relacional de caráter íntimo, em que a vivência do afeto e da perda conduz ao amadurecimento e à reconfiguração identitária do protagonista. Colocadas em diálogo, estas obras revelam modos distintos de conceber mundos por vir: na China, o pós-humano surge como sintoma de uma humanidade em risco;

em Portugal, como possibilidade de uma ética relacional fundada no cuidado e na responsabilidade. A literatura infantil, frequentemente marginalizada no cânone literário, revela-se assim um espaço central para ensaiar respostas éticas e imaginativas às transformações do presente.

*

Shiyi Lu é professora de português no Instituto Português no Oriente (IPOR), em Macau. É mestre em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira pela Universidade do Porto e atualmente doutoranda em Estudos Literários e Interculturais na Universidade de Macau, onde desenvolve investigação sobre a representação de robôs na literatura infantil chinesa e portuguesa, com particular enfoque nas relações entre humano e não humano e na construção de futuros possíveis em contextos de transformação tecnológica e ambiental. A sua investigação centra-se na análise de narrativas infantis que exploram problemáticas associadas ao pós-humanismo, à agência e à ética relacional, procurando compreender de que modo autores de diferentes tradições literárias constroem mundos em devir e representam a infância enquanto espaço de experimentação narrativa. Tanto na sua atuação como professora como enquanto investigadora, procura lançar luz sobre a literatura infantil enquanto espaço privilegiado de reflexão acerca das relações entre humanos e não humanos, valorizando tradições literárias periféricas e a construção de imaginários éticos e educativos contemporâneos.

Julio Reis Jatobá é Professor Auxiliar na Universidade de Macau (UM). É doutor em Estudos Literários e Interculturais (UM), mestre em Linguística Aplicada (UM) e licenciado em Letras pela Universidade de Brasília. Leciona na China desde 2006 tendo, entre 2010 e 2015, atuado como leitor do Ministério das Relações Exteriores do Brasil na Guangdong University of Foreign Studies (Guangzhou). Sua pesquisa e docência abrangem tradução chinês-português, tradução do humor, literatura no ensino de línguas estrangeiras e políticas linguísticas para a tradução. Atualmente, é vice-coordenador institucional da Cátedra UNESCO “Políticas Linguísticas para o Multilinguismo” na UM.

La ville contemporaine à l'épreuve de la géocritique.

Soufiane Mestour

(Univ. Mohammed Premier d'Oujda au Maroc)

Dans un contexte où la littérature semble en crise de sens ou d'engagement, la géocritique offre une voie heuristique pour repenser le rapport du texte au monde. Inscrite dans le sillage du tournant spatial, elle interroge l'espace littéraire comme expérience sensible, cognitive et éthique permettant au texte de devenir « le champ d'expérimentation de réalités alternatives » (Bertrand Westphal, 2007, p. 100). Notre communication s'inscrit dans cette articulation du comparatisme géocentré, à travers l'application des outils de la géocritique dans l'étude de deux romans contemporains dont l'intrigue se situe à Oujda, au Maroc : *Nanna... ou les racines* (2013) de Rachida Naciri et *Les Lumières d'Oujda* (2019) d'Alexandre Oho Bambe. En confrontant les représentations d'une même ville à deux époques distinctes, notre premier objectif est d'interroger les formes différenciées de l'interculturalisme qui s'y opère : la relation avec l'Autre et les différentes formes du care littéraire. Cette approche comparatiste, fondée sur la confrontation de voix, de sens et de temporalités, met en évidence la capacité de la littérature à élaborer une réflexion éthique sur la ville. Oujda y apparaît comme un espace de rencontre et de réparation, où le texte agit comme un geste de soin, de mémoire et de résistance. Chemin faisant, nous essayerons également de porter un regard critique sur cet approche elle-même : ses points forts, ses limites, et ses prolongements proposés par d'autres théoriciens comme Michel Collot, Pierre Bayard ou encore Jean-Pierre Richard.

*

Soufiane Mestour est enseignant de français du cycle qualifiant et doctorant en littérature générale et comparée, ses travaux portent sur la représentation de la ville marocaine dans le roman urbain contemporain, à travers notamment une approche géocritique et interdiscursive. A publié (2024) un article intitulé « Mobilités urbaines

dans le roman francophone contemporain » dans le volume 2 de la revue *L'archétype* :
L'espace méditerranéen en itinérance : Expériences de mobilité et transferts culturels.

“Escrita de si”: a relação entre cuidado de si e coragem da verdade

Stela Maris da Silva

(UNESPAR-Curso Bach. Dan-Campus Curitiba II/PROF-FILO Campus União da Vitória)

A pesquisa que proponho para discussão no IX Congresso Internacional APLC, no eixo temático 2. Literatura Comparada e ética do care, situa-se no campo das possíveis passagens e discussões entre arte, literatura e filosofia, no dentro e no fora dessas áreas, ou ainda nas fronteiras. A atitude-limite do estar nas fronteiras se constitui no deslocar-se, não permanecer o mesmo, e ao mesmo tempo resistir aos modelos e processos de subjetivação que nos aprisionam. Michel Foucault estudou a historicidade da produção dos discursos verdadeiros e suas relações com a ética, a estética e a política. Nos cursos *O governo de si e dos outros* (1983), e *A coragem da verdade* (1984) ele adentra na discussão da ontologia dos discursos de verdade. O dizer verdadeiro, a parresia enquanto atitude ético estética, ou seja, da verdade de si para consigo, estabelece a relação entre cuidado de si e coragem da verdade como estilo de vida, ao que Foucault chamou de Estética da Existência. Nessa perspectiva, ele viu na literatura, chamada por ele de “a Grande Estrangeira” as condições para fazer experiências de pensamento, experiências do jogo do limite e da transgressão, experiências do cuidado de si, experiências da “escrita de si”. A experiência de escrita de um autor intervém na experiência do autor e do leitor, modificando-os, e, nesse sentido é parresia, é “escrita de si”. A “escrita de si” não se caracteriza como um gênero literário ou filosófico, como se poderia pensar, e sim por um modo de escrita e cuidado, parte do processo de subjetivação.

*

Stela Maris da Silva é docente da área da Filosofia, adjunta da Universidade Estadual do Paraná- Campus Curitiba II- Faculdade de Artes do Paraná, e Campus União da Vitória no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) Pós – Doutora em “Linguagem e

Sociedade”, Linha de Pesquisa – Linguagem literária e interfaces sociais: estudos comparados”, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Doutora em Filosofia pela Universidade Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR); Mestre em Psicologia da Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP); Desenvolve investigações no campo de pesquisa da Filosofia Contemporânea, com estudos na subárea de Ética, Filosofia Contemporânea francesa. Coordena os Projetos de Arte e Filosofia dos Núcleos do PROF-FILO. É membro do Grupo Interdisciplinar em Artes (GIPA) da Unespar Campus de Curitiba II; Linha de pesquisa: “Olhares para os modos de expressão do conhecimento das Artes, com os referenciais da História, da Memória, da Filosofia, da Antropologia, e das diferentes linguagens (Visuais, Literárias, Cênicas, Cinematográficas, Musicais”.

Cuidar do mundo entre linhas - periferias e mundos por vir em Eduardo Lourenço e Gayatri Spivak

Vanessa Pelerigo

(Univ. Lisboa/ CIDPCC)

O presente artigo propõe-se interrogar o comparatismo literário a partir de uma perspectiva que o compreende como prática ética de cuidado e não apenas como método crítico. Partimos deste enquadramento colocando em diálogo o pensamento ensaístico de Eduardo Lourenço e a reflexão teórica de Gayatri Spivak. Procuraremos explorar de que modo a tradução, a circulação textual e a imaginação literária podem contribuir para reconfigurar o gesto comparatista enquanto forma de atenção crítica às condições históricas, culturais e simbólicas que estruturam o campo literário. No pensamento de Eduardo Lourenço, a problematização da posição de Portugal enquanto periferia cultural da Europa revela-se particularmente fecunda. Ao pensar a identidade cultural portuguesa a partir da tensão persistente entre centro e periferia, Lourenço sublinha a importância da memória histórica e da singularidade cultural inscrita nos textos, questionando simultaneamente as hierarquias simbólicas que organizam o espaço cultural europeu. Por seu turno, em “Death of a Discipline”, Spivak propõe uma crítica das premissas que sustentaram o comparatismo tradicional, denunciando o seu enraizamento em pressupostos eurocêtricos e defendendo a necessidade de uma renovação metodológica da disciplina. Essa renovação assenta numa valorização da tradução e numa atenção às dinâmicas de circulação textual e às formas de alteridade que resistem à homogeneização cultural. O diálogo entre estas perspectivas permite reconsiderar o comparatismo como gesto simultaneamente ético e epistemológico. Comparar textos implica, assim, uma prática de cuidado dirigida à literatura enquanto

espaço de inscrição de memórias, identidades e conflitos culturais, bem como um exercício de imaginação crítica capaz de abrir novos horizontes epistemológicos e políticos para a reflexão literária contemporânea.

*

Vanessa Pelerigo é licenciada em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa (2007) e Mestre em Ciências Jurídico-Criminais pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (2016), onde está a concluir o seu doutoramento. Com várias pós-graduações, é também especialista em Derecho Penal y Comportamiento Humano pela Universidad de Castilla-La Mancha. Foi Professora Auxiliar Convidada no ISCSP da UL. É assessora jurídica na FDUL. A sua investigação abrange áreas como Direito Penal, Neurociências, Direito da Medicina, Filosofia da Mente, Cinema e Inteligência Artificial. É investigadora do Centro de Investigação de Direito Penal e Ciências Criminais e associada no Instituto de Direito Penal e Ciências Criminais. Encontra-se atualmente a fazer o Doutoramento em Filosofia (desde 2025). Publicou diversos artigos em Portugal e no estrangeiro e foi oradora em diversas conferências nacionais e internacionais.

The Western Universes and the Paradoxical Existence of its Internal Pluriverses

Vismaya Vijay

(EFLU)

The paper proposes that “the world to come” demands a fundamental requirement of reconceptualising the “world” itself. It suggests a comparative analysis between the dominant western intellectual thought, which has historically conceptualised world as a single, ordered-totality (the “uni” verse) and the contemporary attempts to imagine a “pluriverse” – a world comprising of multiple, co-existing, and irreversibly different worlds. Engaging with the conference’s core commitment to care as both attention and rigour, the paper attempts to contend that Comparative Literature is the privileged space for staging this encounter and diagnosing its ethical stakes to unravel the paradox existing in the Western intellectual history. The first corpus comprises of the texts that embody the Western cosmological imaginary: Dante’s *Divine Comedy* as the mediaeval universe of divine order, Defoe’s *Robinson Crusoe* as the colonial illustration of a single world, and Conrad’s *Heart of Darkness* as the moment where this universal ruptures. These texts imagine that there exists only one single world. The second corpus consists of texts that resists the assumption of the existence of a singular world. Joyce’s *Ulysses*, with its multiplicity of styles and perspectives, Borges, *The Garden of Forking Paths* imagines a novel with all its future possibilities, Italo Calvino’s *Invisible Cities*, where each cities becomes a world into itself, Günter Grass’s *The Tin Drum*, presents a world in which historical reality and magical perception is intertwined, and China Miléve’s *The City and The City* in which two worlds have occupied the same space. These texts establish a pluriverse within the western philosophical tradition. The comparative act becomes the practice of care. By analysing these two paradoxical conceptions of the world in western tradition, the paper contends against the triumphalism of universalism and the

easy negligence of the West. Instead, it seeks to expose the suppressed genealogy of pluralism which offers resources and frameworks for the establishment of the “worlds to come”. In this sense, to compare is to care for the future for reinstating multiplicity within its own past.

★

Vismaya Vijay is an early career research scholar from the English and Foreign Languages University, Hyderabad, Telangana. She is pursuing her P.hD in English Literature from the Department of English Literature. Her area of research is Twentieth Century Theoretical Engagements with Western Philosophy, which is a meta-theoretical research. Her other areas of interest are Critical Theory, Intellectual History of Europe, and Gender and Feminism.

Imaginação ambiental e amor à natureza em “Sequência” de João Guimarães Rosa

Viviane de Sousa Rocha

(UTAD)

Neste trabalho, propomo-nos ler o conto de João Guimarães Rosa a partir de uma perspectiva ecocrítica, com o objetivo de compreender de que modo o texto mobiliza uma imaginação ambiental na sua construção simbólica e narrativa. A partir do conto “Sequência”, pretende-se, igualmente, evidenciar aspetos da relação entre o ser humano e o mundo natural do Sertão, Minas Gerais, no Brasil, articulando-os com a teoria ecocrítica e a espiritualidade franciscana. A leitura foi escolhida por confluir um olhar de amor e respeito do autor ao ambiente sertanejo, ao sol, aos rios, aos símbolos e mitos presentes no conto e na interação entre eles. A metodologia adotada será de natureza hermenêutica e bibliográfica. No centro da análise encontra-se “Sequência” e uma atmosfera que se manifesta não apenas no conto, mas também na experiência e no percurso de vida do autor. A fundamentação teórica integra textos da espiritualidade, compreendidos no horizonte da ecologia espiritual, nomeadamente a encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, e “O Cântico do Irmão Sol”, de São Francisco de Assis. Estes textos dialogam com a perspectiva ecocrítica e com a ética do cuidado, contribuindo para uma leitura que articula literatura, responsabilidade ética e relação com o mundo natural. Num momento posterior, proceder-se-á à análise do conto. Esta perspectiva acolhe um olhar espiritual sobre a natureza, de forma a horizontalizar a relação do humano e do não humano.

*

Viviane de Sousa Rocha é doutoranda em Estudos Interdisciplinares da Literatura na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), com investigação nas áreas de literatura, ecocrítica, educação, religião e espiritualidade. Mestre em Ciência da

Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2023), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR- UFJF), avaliado com conceito 5 pela CAPES desde 2001. Desenvolve, no doutoramento, pesquisa sobre literatura e a relação com o mundo natural, numa perspectiva interdisciplinar. O percurso acadêmico e profissional fundamenta-se nas opções teóricas e metodológicas que orientam a leitura e a escolha do corpus literário. No mestrado, dedicou-se à leitura de contos de João Guimarães Rosa, autor que permanece como referência central na investigação atual, analisada à luz da ecocrítica. A Unidade Curricular de Imaginação Ambiental, bem como as leituras e trabalhos desenvolvidos sob orientação da Professora Doutora Isabel Maria Fernandes Alves constituíram fundamentos decisivos para a consolidação do seu olhar interdisciplinar, articulando literatura, teologia, filosofia, educação e pensamento crítico, com ênfase na imaginação ambiental e na ética do cuidado com o planeta.

